



EXPOSIÇÃO

**VULTOS
DA NOSSA
HISTÓRIA**

INCM



Integrada nas comemorações dos 800 anos da língua portuguesa, a exposição medalhística *Vultos da Nossa História* vem apresentar ao público os nomes, os feitos e os acontecimentos que, ao longo do tempo, foram celebrados e eternizados através das medalhas produzidas pela INCM.

A valorização e promoção da cultura portuguesa fazem parte da génese da INCM, assumindo uma expressão notória, quer na sua atividade editorial, que dá à estampa obras e autores de reconhecido mérito literário, quer na cunhagem de moeda comemorativa, dedicada à celebração de eventos e personalidades proeminentes.

Embora com menos visibilidade, a produção de medalhas é outra atividade com grande tradição na INCM, onde a arte e a capacidade de execução técnica se fundem para dar origem a objetos de grande beleza estética, que perpetuam na memória as personalidades e os acontecimentos que marcaram de forma indelével a nossa história, o nosso património e a nossa cultura.

Graças à criatividade e ao talento dos artistas que as concebem, as medalhas transcendem a tridimensionalidade da matéria de um modo singular, pois, ao contrário dos monumentos públicos e das grandes esculturas, constituem «monumentos íntimos», que cabem na palma de uma mão, estabelecendo uma relação estreita entre a obra de arte e o indivíduo que a manuseia, observa e interpreta.

Na área da medalhística, a INCM orgulha-se de trabalhar com os artistas portugueses mais conceituados, alguns deles reconhecidos internacionalmente, procurando ao mesmo tempo apoiar o surgimento de novos talentos criativos e abrir portas à inovação, à experimentação artística e à formação de jovens escultores, em colaboração com a academia, designadamente com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e a sua Secção de Investigação e de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea.

Através da exposição *Vultos da Nossa História*, queremos partilhar com o público estes «pequenos monumentos» que temos vindo a produzir desde o século XVII, recordando as figuras e os eventos por eles evocados e mostrando, ao mesmo tempo, a sua enorme riqueza enquanto meios de expressão artística, patente na amplitude de formas, materiais, técnicas e soluções estéticas adotadas pelos seus criadores.

Nesta exposição é possível admirar alguns dos mais belos e significativos exemplares da nossa medalhística, desde a moeda-medalha alusiva a Nossa Senhora da Conceição, que é considerada a primeira medalha comemorativa portuguesa, cunhada em 1648, até às obras mais inovadoras e originais produzidas nas últimas décadas, muitas delas em rutura com os padrões estéticos mais convencionais.

Queremos também aqui deixar uma palavra de especial apreço ao Dr. Carlos Batista da Silva, membro honorário da FIDEM – Fédération Internationale de la Médaille d'Art, agradecendo o seu importante contributo para a realização desta exposição.

Esperamos que esta aproximação entre o público português e a medalha possa contribuir para que a medalhística ocupe um lugar de justo e merecido relevo no panorama das artes plásticas e da cultura em Portugal.

Rui Carp

Presidente do Conselho de Administração da INCM





Em boa hora a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A., entendeu ser adequado este momento para recolocar a Medalha Portuguesa no seu devido patamar como obra de arte criativa, independentemente da circunstância de ser um meio de comemoração de eventos ou de personalidades da história e da cultura de Portugal, tomando a iniciativa de organizar a exposição a que refere este catálogo.

Vultos da nossa História, em sentido amplo, abrangem personalidades, perfis e eventos genéricos apoiados em nomes significativos para o conhecimento da História Portuguesa. Assim foi o critério seguido, pelo que não será de estranhar que certas peças, do conjunto exposto, todas editadas pela Instituição, respeitem a comemorações, quer de grandes nomes da nossa cultura, quer de grandes feitos fundamentais para o conhecimento da História de todos nós.

Não é por acaso que a exposição se inicia com uma peça que representa a imagem da Virgem Maria aos pés de quem D. João IV depôs, em Vila Viçosa, a sua Coroa após o início da reconquista da independência de Portugal, da União pessoal que existia desde Filipe II, primeiro de Portugal como herdeiro da referida Coroa, primo direito que era de D. Sebastião, o respeito pela independência do País sob os pontos de vista jurídico, político e militar, pelo que Portugal passou a integrar a Espanha.

Também porque tal medalha — que existe em prata e bronze —, se considera oficialmente a primeira das medalhas portuguesas.

Trata-se de um Vulto carregado de História, para lá do seu conteúdo religioso.

O grande trabalho que a INCM tem realizado no âmbito da Medalha infelizmente não tem sido reconhecido com a justiça que merece no espaço nacional, embora esse reconhecimento seja real quanto à sua projeção, no estrangeiro.

É verdade que Medalha não é Moeda.

Embora a Moeda também tenha tido uma enorme evolução criativa, que é de justiça assinalar, vale sempre, porque tem um valor intrínseco agora definido em euros e pela sua denominação como sendo de Portugal ou da República Portuguesa.

VULTOS DA NOSSA HISTÓRIA

Ao passo que a medalha...

E é pena, porque sendo reconhecido internacionalmente o País como sede criativa por excelência da medalha de arte, que tem inovado de um modo fantástico e influenciado a medalha mundial contemporânea, infelizmente, por cá, quase que passa despercebida.

Dá ideia que «passou de moda», isto de encomendar medalhas para assinalar eventos, personalidades e instituições e que serviam à perfeição para legitimar, no tempo, distinções e efemérides, tendo sido substituídas, por exemplo, por nomes em ruas, avenidas e pracetas ou por produtos da terra como vinhos e queijos mais adequados a certas publicidades turísticas e económicas locais.

Os critérios seguidos na exposição tentam agrupar, em temas idênticos, peças que têm como personagem principal o mesmo ou a mesma protagonista, para lá de outra que, em si só, dignificam os seus autores, com especial relevo para aquele que de certo modo se transformou num marco de modernismo ou contemporaneidade medalhística e que foi Mestre João da Silva.

Conheci ainda um dos seus Mestres, Monsieur Arthus-Bertrand, que, na altura, já perfizera 100 anos de idade e que era Pai de Claude Arthus-Bertrand, recentemente falecido.

O Pai foi cofundador e o Filho, durante décadas, Secretário-Geral da FIDEM (Fédération Internationale de la Médaille d'Art) e um dos grandes impulsionadores desta importante iniciativa cultural internacional que tem catapultado a Medalha para o lugar que merece no mundo das artes visuais.

O seu arquivo foi doado à Federação e encontra-se depositado e disponível ao público, para estudo e consulta, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, local onde toda a documentação que, responsáveis da Federação, entenderam por bem integrá-la, iniciativa aliás que foi aceite, com visão, por aquela Instituição de Ensino Superior da capital.

É bom que se saiba que Lisboa é um centro mundial de investigação e estudo da Medalha.

Outros arquivos já se juntaram e mais se irão juntar.

Às medalhas escolhidas da autoria de João da Silva juntam-se outras realizadas e editadas na INCM no decorrer dos tempos até hoje.

E grandes nomes da escultura e do design em Portugal estão representados nesta exposição, pelo que é de louvar a obra que a INCM tem realizado nesta área que, de tão óbvia que é, parece nem se dar por ela...

Na expectativa de, a curto ou a médio prazo, Lisboa ganhar o seu Museu da Medalhística e da Numismática, a que tem direito, este tipo de exposição temporária mostra obra feita, louvável e duradoura, mostra, repito, como é simples separar o trigo do joio embora nem sempre o trigo seja visto como tal. Aqui está uma bela oportunidade para conhecer ou relembrar um fragmento do que é a Medalha Portuguesa do século XVII até aos nossos dias.

Carlos Baptista da Silva

Membro honorário da FIDEM

Lisboa, 10 de dezembro de 2014.



VULTOS DA NOSSA HISTÓRIA

EXPOSITOR 1



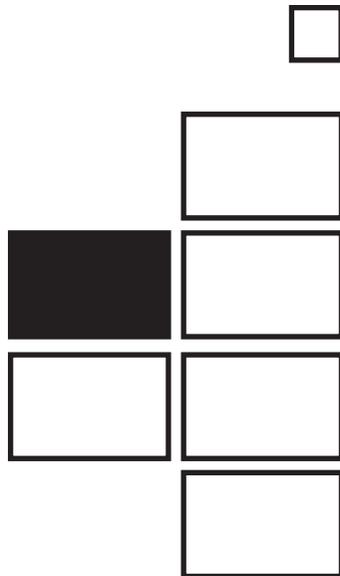


X.

IOANNES

III

EXPOSITOR 1



1A



1B



4A



4B



5A



5B



11A



11B



11C



11D



12A



12B



21



22



18



23A



23B



24





1A
MEDALHA-MOEDA DA CONCEIÇÃO (D. JOÃO IV) | 1648
Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 42 mm
Autor: Desconhecido
MNP: 2935



1B
MEDALHA-MOEDA DA CONCEIÇÃO (D. JOÃO IV) | 1648
Material: Cobre | Técnica: Cunhada | Dimensões: 42 mm
Autor: Desconhecido
MNP: 2936

2
8.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTO ANTÓNIO | 1995
Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 40 mm
Autor: *Helder Batista*
MNP: 8769 e 8770



3
COMEMORATIVA DOS 500 ANOS DO NASCIMENTO DE S. JOÃO DE DEUS | 1995
Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 40 mm
Autor: *Eloísa Byrne*
MNP: 8640 e 9325

4A

DEDICADA AO MARQUÊS DE POMBAL | 1772

Material: Prata | Técnica: Cunjada | Dimensões: 52 mm

Autor: *Paulo Aureliano Mengin*

MNP: 2995



4B

DEDICADA AO MARQUÊS DE POMBAL | 1772

Material: Cobre | Técnica: Cunjada | Dimensões: 52 mm

Autor: *Paulo Aureliano Mengin*

MNP: 17

5A

DEDICADA AO MARQUÊS DE POMBAL | 1772

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 52 mm

Autor: *Paulo Aureliano Mengin*

MNP: 445



5B

DEDICADA AO MARQUÊS DE POMBAL | 1772

Material: Cobre | Técnica: Cunhada | Dimensões: 52 mm

Autor: *Paulo Aureliano Mengin*

MNP: 18

6

CENTENÁRIO DA MORTE DO MARQUÊS DE POMBAL | 1882

Material: Estanho | Técnica: Cunhada | Dimensões: 35 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 649



7

CENTENÁRIO DA MORTE DO MARQUÊS DE POMBAL | 1882

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 50 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 4454



8

REAL ESTÁTUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I | 1775

Material: Cobre | Técnica: Fundida | Dimensões: 77 mm

Autor: *José Gaspart*

MNP: 2998



9

REAL ESTÁTUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I | 1775

Material: Porcelana | Técnica: Fundida | Dimensões: 77 mm

Autor: *José Gaspart*

MNP: 2999

10A

INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I | 1775

Material: Prata | Técnica: Cunjada | Dimensões: 47 mm

Autor: *José Gaspart*

MNP: 3002



10B

INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I | 1775

Material: Cobre | Técnica: Cunjada | Dimensões: 46 mm

Autor: *José Gaspart*

MNP: 3001 e 3003

11A

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO | 1880

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 42 mm

Autor: *Francisco de Borja Freire*

MNP: 112



11B

DEDICADA A LUÍS DE CAMÕES. CONCURSO DE GRAVADORES PARA A CASA DA MOEDA | 1830

Material: Estanho | Técnica: Cunhada | Dimensões: 42 mm

Autor: *Francisco de Borja Freire*

MNP: 3207

11C

DEDICADA A LUÍS DE CAMÕES. CONCURSO DE GRAVADORES PARA A CASA DA MOEDA | 1830

Material: Cobre | Técnica: Cunhada | Dimensões: 42 mm

Autor: *Francisco de Borja Freire*

MNP: 113



11D

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO | 1880

Material: Cobre | Técnica: Fundida | Dimensões: 40 mm

Autor: *Domingos Venâncio*

MNP: 3257

12A

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO.

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES | 1880

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 114



12B

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO | 1880

Material: Cobre | Técnica: Cunhada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 619

13A

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO.

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES | 1880

Material: Cobre | Técnica: Cunhada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 623



13B

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO.

COMISSÃO ACADÉMICA | 1881

Material: Cobre | Técnica: Cunhada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 2398

14

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO. ATENEU
COMERCIAL DE LISBOA | 1880

Material: Prata | Técnica: Cunjada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 624



15

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO | 1880

Material: Chumbo | Técnica: Cunjada | Dimensões: 30 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 1891 e 3264

16

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO.
COMISSÃO ACADÉMICA | 1881

Material: Estanho | Técnica: Cunhada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 3272



17

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO.
INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO EM COIMBRA | 1881

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 31 mm

Autor: *Cassiano Maia*

MNP: 3288

18

À MEMÓRIA DE CAMÕES, COMEMORATIVA DO SEU TRICENTENÁRIO | 1880

Material: Prata | Técnica: Cinhada | Dimensões: 52 mm

Autor: *Frederico Augusto de Campos*

MNP: 3241 e 3243



19A

4.º CENTENÁRIO DA ESTADA DE CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE | 1969

Material: Prata | Técnica: Cunjhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Martins Correia*

MNP: 4183





198

4.º CENTENÁRIO DA ESTADA DE CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE | 1969

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Martins Correia*

MNP: 4180

20

PEDRO NUNES — 500 ANOS DO SEU NASCIMENTO | 2002

Material: Bronze niquelado | Técnica: Estampada e construída | Dimensões: irregular

Autor: *João José de Brito*

MNP: 9279



21

REGATA DO INFANTE. HENRIQUE O NAVEGADOR | 1994

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 40 mm

Autor: Sousa Machado

MNP: 8615 e 8616



22

REGATA DO INFANTE. HENRIQUE O NAVEGADOR | 1994

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 40 mm

Autor: Sousa Machado

MNP: 8605 e 8606



23A

5.º CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE | 1960

Material: Prata | Técnica: Cunjada | Dimensões: 100 mm

Autor: Vasco da Conceição e João da Silva

MNP: 2867



23B

5.º CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE | 1960

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 100 mm

Autor: Vasco da Conceição e João da Silva

MNP: 2861



24

VASCO DA GAMA | 1998

Material: Bronze | Técnica: Cunjhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Luís Pinto Coelho*

MNP: 8824 e 8825





25

4.º CENTENÁRIO DA MORTE DE LUÍS DE CAMÕES | 1980

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 79 mm

Autor: *Lagoa Henriques*

MNP: 5564 e 5565

26A

MONUMENTO DOS DESCOBRIMENTOS | 1960

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Leopoldo de Almeida*

MNP: 2847



26B

MONUMENTO DOS DESCOBRIMENTOS | 1960

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Leopoldo de Almeida*

MNP: 2850



27

4.º CENTENÁRIO DA MORTE DE LUÍS DE CAMÕES | 1980

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 79 mm

Autor: *Gustavo Bastos*

MNP: 5560 e 5561





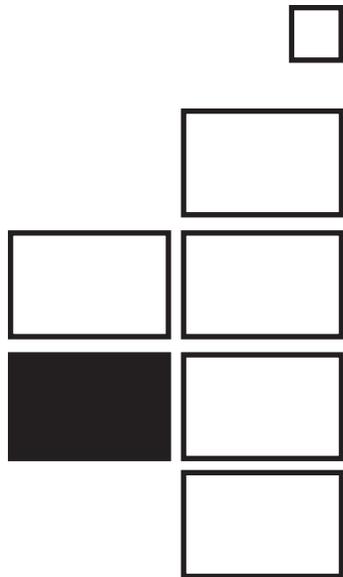
VULTOS DA NOSSA HISTÓRIA

EXPOSITOR 2





EXPOSITOR 2



30



28



39



32



40



41



45



46



31



34



29



33



35A



35B



36



42



43



37



38



47



44



48

28

6.º CENTENÁRIO DE FREI NUNO ÁLVARES PEREIRA | 1960

Material: Bronze | Técnica: Cinhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Raul Xavier*

MNP: 2891





29

D. JOÃO DE CASTRO — 500.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO | 2000

Material: Bronze e acrílico | Técnica: Cunjada | Dimensões: 78 mm

Autor: João Duarte

MNP: 9268 e 9269

30

4.º CENTENÁRIO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA | 1937

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 1714 e 6041

(reeditada em 1982)



31

DEDICADA A CAMILO CASTELO BRANCO | 1954

Material: Bronze | Técnica: Fundida | Dimensões: 80 mm

Autor: *Raul Xavier*

MNP: 2700



32

CENTENÁRIO DE CAMILO | 1925

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 40 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 1922



33

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE CAMILO CASTELO BRANCO | 1990

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 75 mm x 83 mm

Autor: Irene Vilar

MNP: 7640 e 7641

34

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE GUERRA JUNQUEIRO | 1950

Material: Bronze | Técnica: Fundida | Dimensões: 87 mm

Autor: *Luiz de Abreu*

MNP: 1925



35A

4.º CENTENÁRIO DA MORTE DE AMATO LUSITANO | 1968

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Fidalgo de Oliveira*

MNP: 4186





35B

4.º CENTENÁRIO DA MORTE DE AMATO LUSITANO | 1968

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Fidalgo de Oliveira*

MNP: 4187



36
500 ANOS DO NASCIMENTO DE AMATO LUSITANO | 2012
Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 70 mm
Autor: *Hugo Maciel*
MNP: 9508 e 9509

37

DEDICADA A AMATO LUSITANO | 1955

Material: Bronze | Técnica: Fundida | Dimensões: 90 mm

Autor: *Raul Xavier*

MNP: 2702



38

DEDICADA A DAMIÃO DE GÓIS | 1955

Material: Bronze | Técnica: Fundida | Dimensões: 97 mm

Autor: *Raul Xavier*

MNP: 2701

39

INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA EQUESTRE DE D. JOÃO VI, NO PORTO | 1966

Material: Prata | Técnica: Cunjada | Dimensões: 70 mm

Autor: *Barata Feio*

MNP: 4073





40

1.º CENTENÁRIO DO JORNAL DO COMÉRCIO | 1956

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 90 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 2629 e 2630

41

JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO (JÚLIO DINIS) | 1926

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 29 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 1709



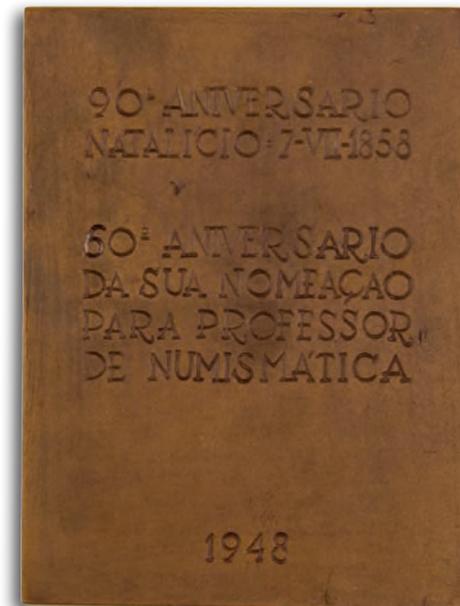
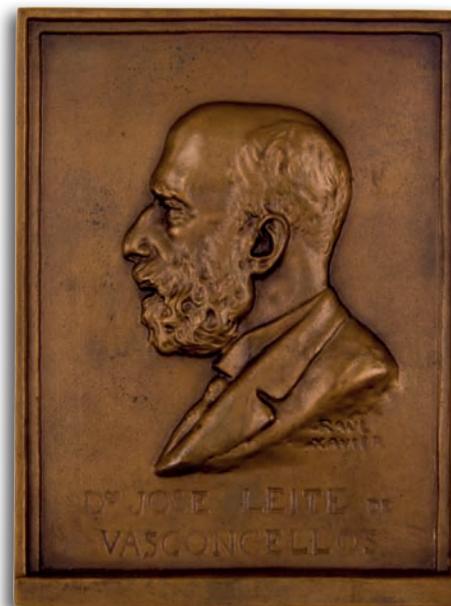
42

DEDICADA AO DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS | 1948

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 81 mm x 61 mm

Autor: *Raul Xavier*

MNP: 1744





43

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FIALHO DE ALMEIDA | 1957

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 70 mm

Autor: *Marcelino Norte de Almeida*

MNP: 2615 e 2616

44

1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO CARVALHO
DA SILVA PORTO | 1950

Material: Bronze | Técnica: Cunjhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 1764 e 1765



45

IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA | 1910

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 25 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 173



46

HOMENAGEM AO PROF. EGAS MONIZ | 1944

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 70 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 4078 e 4079

47

PROF. REINALDO DOS SANTOS | 1950

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 90 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 1766



48

1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO PINTOR JOSÉ VITAL BRANCO MALHOA | 1955

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Leopoldo de Almeida*

MNP: 2212 e 2213



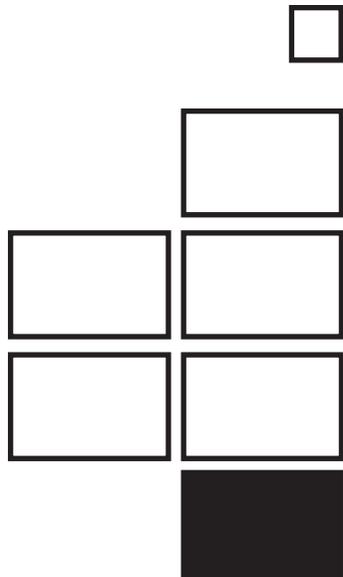
VULTOS DA NOSSA HISTÓRIA

EXPOSITOR 3





EXPOSITOR 3



49A



49B



50



55



53



58



59



54



65



60



51



52



56



61A



61B



57



62



64



63



66



67

49A

5.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE GIL VICENTE | 1965

Material: Prata | Técnica: Cunjada | Dimensões: 80 mm

Autor: Vasco da Conceição

MNP: 3981





49B

5.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE GIL VICENTE | 1965

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Vasco da Conceição*

MNP: 3982

50

P. ANTÓNIO VIEIRA 3.º CENTENÁRIO 1697-1997 | 1998

Material: Bronze | Técnica: Cinhada | Dimensões: 80 mm

Autor: Clara Menéres

MNP: 8838 e 8839



51

3.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MATIAS AIRES | 2006

Material: Bronze niquelado | Técnica: Cunhada | Dimensões: 60 mm

Autor: *Fernando Conduto*

MNP: 9448 e 9449



52

ANTÓNIO NOBRE — CENTENÁRIO DA MORTE, 1900-2000 | 2001

Material: Bronze | Técnica: Cinhada | Dimensões: 70 mm

Autor: *Helder Batista*

MNP: 9330 e 9331





53

CENTENÁRIO DA MORTE DE ALEXANDRE HERCULANO | 1977

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Marcelino Norte de Almeida*

MNP: 5138

54

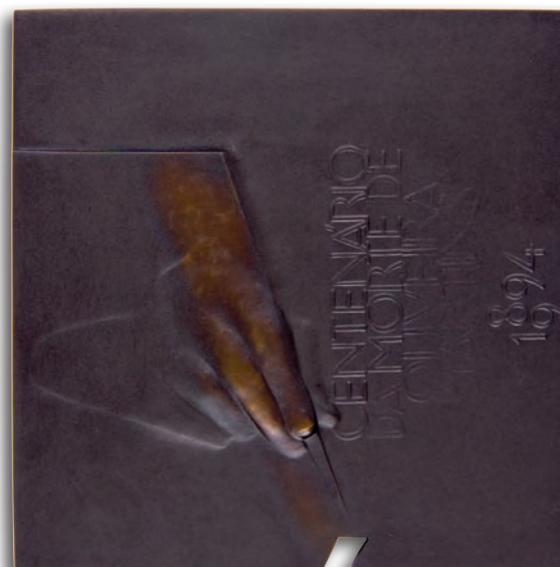
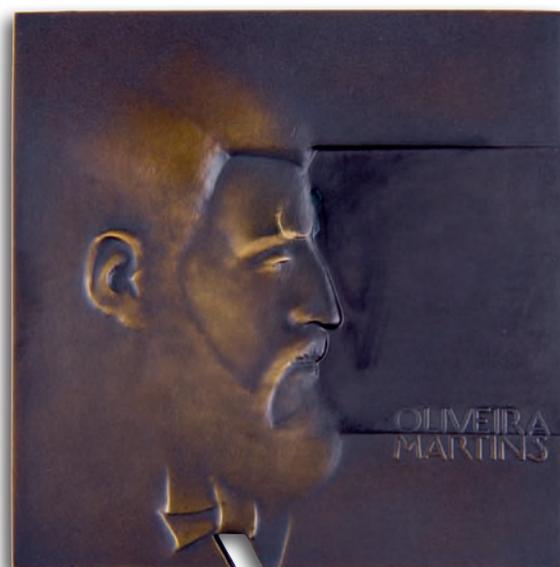
2.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ALMEIDA GARRETT, 1799-1999 | 1999

Material: Bronze niquelado | Técnica: Cunhada | Dimensões: 74 mm

Autor: *Helder Batista*

MNP: 9244 e 9245





55

CENTENÁRIO DA MORTE DE OLIVEIRA MARTINS | 1994

Material: Bronze | Técnica: Cunjhada | Dimensões: 75 mm x 75 mm

Autor: *Helder Batista*

MNP: 9308 e 9309

56

CESÁRIO VERDE 1855-1886 | 1986

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: irregular

Autor: *Irene Vilar*

MNP: 6712 e 6713





57

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUENTAL | 1991

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 68 mm x 80 mm

Autor: Irene Vilar

MNP: 7956 e 7957

58

JOSÉ VIANA DA MOTA | 1957

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 70 mm × 51 mm

Autor: *João da Silva*

MNP: 2623



59

VIANA DA MOTA 50 ANOS DA SUA MORTE 1948-1998 | 1998

Material: Bronze niquelado | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *José Brandão*

MNP: 8836

60

COMEMORATIVA DO 1.º CENTENÁRIO DA MORTE DE SOARES DOS REIS | 1989

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 78 mm

Autor: *Joaquim Correia*

MNP: 7499 e 7500



61A

MEDALHA DE HOMENAGEM AO MESTRE AQUILINO RIBEIRO | 1963

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Vasco da Conceição*

MNP: 3959



61B

MEDALHA DE HOMENAGEM AO MESTRE AQUILINO RIBEIRO | 1963

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Vasco da Conceição*

MNP: 3963



62

AMADEU DE SOUSA CARDOSO. CENTENÁRIO NASCIMENTO 1887-1988 | 1988

Material: Bronze | Técnica: Cinhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Alda Cesteiro*

MNP: 7415 e 7416



63

FERNANDO PESSOA | 1973

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 79 mm

Autor: *José de Moura*

MNP: 8507 e 8508



64

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS | 1993

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Paulo Guilherme d'Eça Leal*

MNP: 8156 e 8157



65

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO MAESTRO FERNANDO LOPES GRAÇA (1906-2006) | 2006

Material: Bronze niquelado | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: Vítor Santos

MNP: 9452 e 9453



66

JOSÉ RÉGIO — 100.º ANIVERSÁRIO DO SEU NASCIMENTO | 2001

Material: Prata esmaltada | Técnica: Cunhada | Dimensões: 60 mm

Autor: *Patrícia Bilé*

MNP: 9285 e 9286



67

VITORINO NEMÉSIO — 100.º ANIVERSÁRIO DO SEU NASCIMENTO | 2001

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 50 mm

Autor: *Maria João Ferreira*

MNP: 9287 e 9288



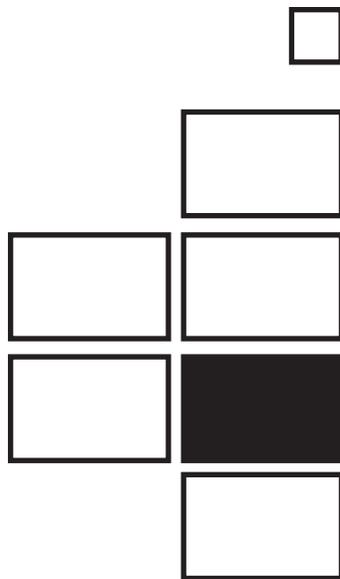
VULTOS DA NOSSA HISTÓRIA

EXPOSITOR 4





EXPOSITOR 4



68



69



70



76



77



81



82

68

4.º CENTENÁRIO D. ANTÓNIO PRIOR DO CRATO | 1980

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 63 mm × 78 mm

Autor: *Euclides Vaz*

MNP: 5697



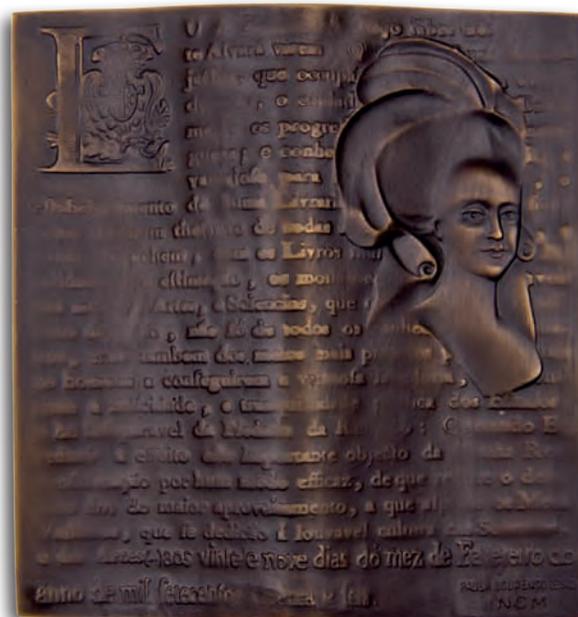
69

2.º CENTENÁRIO DA REAL BIBLIOTECA PÚBLICA | 1996

Material: Bronze | Técnica: Cunjhada | Dimensões: 81 mm x 79 mm

Autor: Paula Lourenço

MNP: 8771 e 8772



70

1.º CENTENÁRIO DA MORTE DO 1.º DUQUE DE ÁVILA E BOLAMA ANTÓNIO JOSÉ DE ÁVILA | 1981

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 78 mm

Autor: *Carlos Alves*

MNP: 5923





71

DEDICADA A D. LUIS I — 1.º CENTENÁRIO DA MORTE | 1989

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 80 mm

Autor: José Aurélio

MNP: 7497 e 7498

72A

MEDALHA DE HOMENAGEM AO PROF. MÁRIO DE AZEVEDO GOMES | 1969

Material: Prata | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Leopoldo de Almeida*

MNP: 4209



72B

MEDALHA DE HOMENAGEM AO PROF. MÁRIO DE AZEVEDO GOMES | 1969

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Leopoldo de Almeida*

MNP: 4213



73

DEDICADA A D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA. CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA | 1964

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Leopoldo de Almeida*

MNP: 3970



74

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES (1906-2006) | 2006

Material: Bronze | Técnica: Cinhada | Dimensões: 80 mm x 80 mm

Autor: Irene Vilar

MNP: 9450 e 9451





75

JAIME CORTESÃO 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO | 1984

Material: Bronze | Técnica: Cunjada | Dimensões: 80 mm

Autor: *José Rodrigues*

MNP: 6289 e 6290

76

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ÁLVARO RIBEIRO (1905-2005) | 2005

Material: Bronze | Técnica: Cinhada | Dimensões: 80 mm

Autor: *Joaquim Correia*

MNP: 9440 e 9441





77

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO POETA ALBERTO SERPA (1906-2006) | 2007

Material: Bronze e acrílico | Técnica: Gravada e construída | Dimensões: 80 mm

Autor: *João Duarte*

MNP: 9455 e 9456



78
CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CARLOS QUEIROZ (1907-1949) | 2008
 Material: Bronze niquelado | Técnica: Cunhada | Dimensões: 65 mm
 Autor: *Alípio Pinto*
 MNP: 9478 e 9479

79
100.º ANIVERSÁRIO DE MIGUEL TORGA | 2007
 Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 80 mm
 Autor: *João Oom*
 MNP: 9457 e 9458





80

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BRANQUINHO DA FONSECA (1905-2005) | 2006

Material: Bronze | Técnica: Cunhada | Dimensões: 70 mm x 70 mm

Autor: *António Vidigal*

MNP: 9442 e 9443



81

JOSÉ MARINHO — 100 ANOS DO NASCIMENTO (1904-2004) | 2005

Material: Alumínio e acrílico | Técnica: Gravada e construída | Dimensões: 90 mm

Autor: José Espiga Pinto

MNP: 9430 e 9431



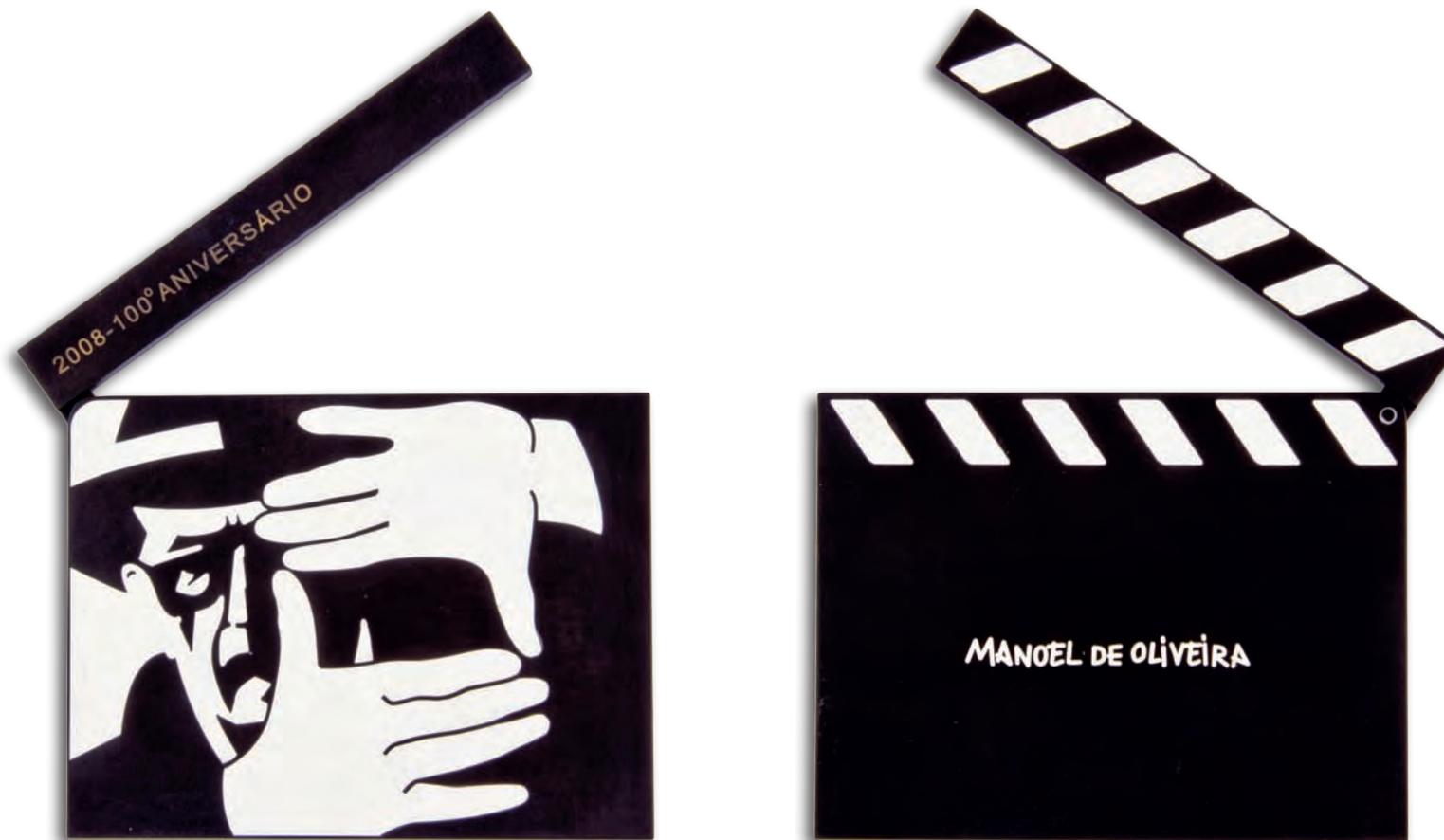
82

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE AGOSTINHO DA SILVA (1995-2005) | 2006

Material: Bronze e acrílico | Técnica: Cunhada e construída | Dimensões: 90 mm x 100 mm

Autor: José Viriato

MNP: 9444 e 9445



83

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MANOEL DE OLIVEIRA (1908-2008) | 2009
Material: Bronze esmaltado | Técnica: Gravada e construída | Dimensões: 80 mm x 70 mm
Autor: *José João de Brito*
MNP: 9485 e 9486

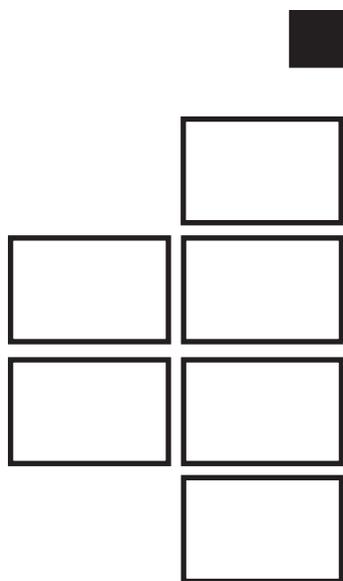
VULTOS DA NOSSA HISTÓRIA

EXPOSITOR 7





EXPOSITOR 7



84



85



86



87



88

84

BICENTENÁRIO DA MORTE DE BARBOSA DU BOCAGE | 2005

Material: Bronze | Técnica: Fundida | Dimensões: Irregular

Autor: *Domingos Broa*

MNP: 9434



85

LUÍSA TODI — 250 ANOS DO SEU NASCIMENTO | 2003

Material: Prata | Técnica: Fundida | Dimensões: irregular

Autor: *Patrícia Bilé*

MNP: 9336



86

FLORBELA ESPANCA | 1995

Material: Prata | Técnica: Fundida | Dimensões: irregular

Autor: *Irene Vilar*

MNP: 8635



87

MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA — CENTENÁRIO DO NASCIMENTO (1908-2008) | 2009

Material: Bronze | Técnica: Fundida | Dimensões: 120 mm × 70 mm

Autor: José Aurélio

MNP: 9487





88

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOÃO GASPAR SIMÕES (1903-2003) | 2003
Material: Bronze niquelado e esmaltado | Técnica: Cunjada | Dimensões: 95 mm × 70 mm
Autor: *Paulo Guilherme d'Eça Leal*
MNP: 9404



VULTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL



Agostinho da Silva (1906-1994)

Filósofo, professor e escritor, natural da cidade do Porto. Fez os estudos secundários e universitários naquela cidade, licenciando-se e doutorando-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras. Em 1928 começa a colaborar com a revista *Seara Nova*. Frequentou a Escola Normal Superior em Lisboa e trabalhou como bolsheiro na Sorbonne e no Collège de France. Regressa a Portugal para lecionar no ensino secundário, porém, em 1935, é demitido por se recusar a assinar a Lei Cabral. É preso pela polícia política em 1943 e, incompatibilizado com o regime, parte nesse mesmo ano para a América do Sul. No Brasil, ajuda a fundar a Universidade de Santa Catarina, torna-se assessor do Presidente Jânio Quadros e colabora na fundação da Universidade de Brasília, em 1962. Regressa a Portugal em 1969, dedica-se à escrita e ao ensino em diversas universidades. Nos anos 90, participa em programas de televisão que o popularizam.



Alberto Serpa (1906-1992)

Poeta, nascido no Porto. Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Depois de regressar ao Porto, foi empregado de comércio e de escritório e tornou-se posteriormente um profissional de seguros. Vindo de *A Águia* e de *Tríptico*, Alberto de Serpa integra o grupo da revista *Presença*, de que foi secretário na segunda série, entre 1939 e 1940, e em cujas edições publicou os volumes de poesia *20 Poemas da Noite*, *Descrição* e *Varanda*, os três datados de 1935. Em 1936 esteve preso por motivos políticos. Mais tarde colaborou com a revista *Presença* e fundou, com Vitorino Nemésio, a *Revista de Portugal*, exercendo em ambas o cargo de secretário. Publicou novelas, ensaios e poesia e foi, com José Régio, coautor da antologia de poesia de amor portuguesa *Alma Minha Gentil* e da antologia de poesia religiosa portuguesa *Na Mão de Deus*.

Alexandre Herculano (1810-1877)

Escritor e historiador, nascido em Lisboa. Estudou Humanidades, manifestando, desde cedo, um forte interesse pelas Letras. Impedido de frequentar a Universidade por dificuldades económicas, acaba por

frequentar um curso prático de Comércio e estuda Diplomática na Torre do Tombo. Por esta altura, com 18 anos, já manifestava a sua vocação literária, iniciando-se nas tertúlias da marquesa de Alorna, que viria a reconhecer como uma das suas mentoras. Em 1831, devido à sua oposição ao regime miguelista, é obrigado a exilar-se em Inglaterra e em França, onde aperfeiçoa o estudo da História. Em 1832, participa no desembarque das tropas liberais no Mindelo e na defesa do Porto. Entre 1834 e 1835, publica artigos de teorização literária na revista *Repositório Literário*, do Porto. Em Lisboa, dirige a mais importante revista literária do Romantismo português, *O Panorama*. Em 1839, aceita o convite de D. Fernando para dirigir as bibliotecas reais da Ajuda e das Necessidades, prosseguindo os seus trabalhos de investigação histórica, que deram origem aos quatro volumes da *História de Portugal*, publicados nas duas décadas seguintes. Em 1855, foi nomeado vice-presidente da Academia Real das Ciências e incumbido da recolha de documentos históricos anteriores ao século XV, tarefa que viria a traduzir-se na publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica*, iniciada em 1856. Em termos literários, as suas narrativas

históricas assinalam o nascimento de um novo género na literatura portuguesa, o «romance histórico», sendo considerado, juntamente com Almeida Garrett, um dos introdutores do Romantismo em Portugal. Morre de pneumonia aos 67 anos, em Santarém.

Almada Negreiros (1893-1970)

Artista e escritor, nascido a 7 de abril de 1893, em São Tomé e Príncipe. Destacou-se como pintor, desenhador, vitralista, poeta, romancista, ensaísta, crítico de arte, conferencista e dramaturgo. Jorge de Sena retrata o artista como «uma das mais notáveis figuras da cultura portuguesa e uma das que mais decisivamente contribuíram para a criação, prestígio e triunfo de uma mentalidade moderna entre nós». Juntamente com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, fez parte da geração de *Orpheu*, responsável pela introdução do Modernismo em Portugal, e foi uma das personalidades culturais que mais marcaram plástica e literariamente a evolução da cultura contemporânea portuguesa. Faleceu a 15 de junho de 1970, em Lisboa.

Almeida Garrett (1799-1854)

Romancista, poeta, dramaturgo e político. Nasce no Porto, no seio da alta burguesia. Em 1823, quando exercia as funções de Oficial do Ministério do Reino, vê-se forçado a emigrar para Inglaterra e França. Em 1832, participa no cerco do Porto como soldado pelas forças liberais e a legislação de Mouzinho da Silveira tem a sua colaboração. É responsável pela criação do Conservatório de Arte Dramática, da Inspeção Geral dos Teatros e do Teatro Nacional. Considerado precursor do Romantismo em Portugal, entre as suas obras mais conhecidas destacam-se *Frei Luís de Sousa* (1843), *O Arco de Santana* (1845) e *As Viagens na Minha Terra* (1846).

Álvaro Ribeiro (1905-1981)

Escritor e filósofo. Nasceu no Porto e licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde foi discípulo de Leonardo Coimbra. Fundou o movimento Filosofia Portuguesa com a publicação, em 1943, do opúsculo *O Problema da Filosofia Portuguesa*. Apesar do reconhecimento tardio da sua produção intelectual, Álvaro Ribeiro

assume-se como figura de reconhecido destaque na especulação filosófica portuguesa do século XX, tendo abordado uma multiplicidade de temas desde a Filosofia, a Pedagogia, a Lógica, a Psicologia ou a Teologia e recuperando importantes figuras da cultura portuguesa do século passado.

Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918)

Pintor, nascido a 14 de novembro de 1887, no concelho de Amarante. Em 1905, vai para Lisboa com a intenção de seguir o curso de Arquitetura na Academia de Belas-Artes. É na capital que desenvolve a atividade de desenhador e sobretudo de caricaturista. Com 19 anos, vai para Paris, desistindo da Arquitetura para se dedicar inteiramente à pintura. Em 1909, frequenta a Academia Viti, dirigida pelo pintor espanhol Camarasa, onde conhece o pintor italiano Amadeo Modigliani, com quem expõe. Em 1912, continua a expor em Paris e no ano seguinte expõe em Nova Iorque e em Berlim. Com a I Guerra volta a casa e instala-se em Vila do Conde. Encontra-se com José de Almada Negreiros e o Grupo da revista *Orpheu*, em Lisboa, em 1916. É neste ano que o artista realiza duas

exposições em Portugal. No ano de 1918, uma doença de pele impede-o de pintar. A 25 de outubro morre bruscamente em Espinho, vítima da epidemia pneumónica que assolou a Europa no final da Guerra.

Amato Lusitano (1511-1569)

O mais notável médico português do século XVI, cujo nome era o de João Rodrigues, nasce em Castelo Branco em 1511. Era judeu e estudou Medicina em Salamanca, tendo visitado vários países estrangeiros, onde conhece os homens da ciência da época e por onde vai espalhando a sua fama de grande erudição e conhecimento. O seu nome está ligado à descoberta de circulação do sangue. Naturalista, extraordinário terapeuta e conhecedor de botânica médica, para ele os doentes eram vários tratados a consultar, o que lhe permitiu reunir diversos documentos sobre anatomia, patologia e terapêutica médica e cirúrgica. Perseguido pela sua religião, morre de peste que tentou combater em 1569, em Salónica, Grécia.

**Antero de Quental (1842-1891)**

Escritor, político, filósofo e poeta, nasce a 18 de abril de 1842, em Ponta Delgada. Em 1856, escreve os primeiros versos. Em 1858, matricula-se no curso de Direito na Universidade de Coimbra, concluindo-o em 1864. Participa ativamente na vida da Universidade, dirigindo o jornal *O Académico*. Em 1865, escreve *Bom Senso e Bom Gosto; Carta ao Ex.mo Sr. António Feliciano de Castilho*, que desencadeia a denominada *Questão Coimbrã*. Decide aprender o ofício de tipógrafo, primeiro em Lisboa e depois em Paris. Regressado a Lisboa em 1868, depois de uma curta viagem à América do Norte, reúne-se com os seus antigos condiscípulos de Coimbra no *Cenáculo*, grupo onde se discutem as doutrinas recentes e se descobrem os novos poetas. Como consequência destes encontros, surge o movimento denominado *Geração de 70*. Em 1871, organiza as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense. A partir de 1873, manifestam-se-lhe os primeiros sintomas de uma grave doença nervosa, isolando-se a partir dos anos 80 em Vila do Conde, onde continua a escrever sonetos e ensaios filosóficos. Após o *Ultimatum Inglês*, parte para Ponta Delgada, em 1891, onde se suicida a 11 de setembro.

António Carvalho da Silva Porto (1850-1893)

Pintor, nasceu no Porto de onde adotou o apelido pelo qual é mais conhecido — Silva Porto. Estudou na Academia Portuense de Belas-Artes, estagiando em Paris e em Itália, fez parte do chamado *Grupo do Leão* com António Ramalho, José Malhoa, Cesário Verde, Columbano e Bordalo Pinheiro. É considerado como um dos fundadores do Naturalismo em Portugal, pois a sua pintura surge cheia de luz e cor, inspirada na própria Natureza. Recebeu a medalha de ouro em 1884, na Exposição Industrial Portuguesa. Faleceu em Lisboa a 1 de junho de 1893.

António José de Ávila (1806-1881)

António José de Ávila, Conde de Ávila, mais tarde primeiro Marquês e primeiro Duque de Ávila e Bolama, nasceu na Horta, Ilha do Faial, Açores, no dia 8 de março de 1806. Foi um político conservador na Monarquia Constitucional em Portugal. Durante 47 anos empenhou-se na atividade parlamentar, quer como deputado, quer no exercício das funções ministeriais, primeiro na Câmara dos Deputados e depois na Câmara dos Pares. Foi detentor das pastas

dos Negócios da Fazenda, da Guerra, dos Estrangeiros, dos Eclesiásticos e Justiça e das Obras Públicas. Foi também Ministro do Reino, em 1844, e Conselheiro de Estado, em 1850. Em 1861, foi nomeado Par do Reino. Entre outras funções, foi por três vezes Presidente do Conselho de Ministros, em 1868, 1870-1871 e 1877-1878. A nível internacional, foi ministro plenipotenciário de Portugal em Madrid e embaixador de Portugal em Paris, entre 1866 e 1868. Em 1872, é nomeado Presidente da Câmara dos Pares, cargo que representa o auge da sua carreira parlamentar. Recebeu o título de Duque em 1878. Faleceu em Lisboa a 3 de maio de 1881.

António Nobre (1867-1900)

Poeta, nascido na cidade do Porto. Interrompe o curso de Direito na Universidade de Coimbra e parte para Paris, em 1890, onde conclui o curso de Ciências Políticas na Escola Livre de Ciências Políticas. Durante a sua estadia em França, contacta com as novas tendências da poesia do seu tempo, aderindo ao Simbolismo. Em 1892 é publicado o livro *Só*, a única obra publicada em vida. De regresso a Portugal,

tenta entrar na carreira diplomática, mas a tuberculose impede-o, acabando por falecer, ainda jovem, na Foz do Douro.

António Soares dos Reis (1847-1889)

Escultor, nasceu a 14 de outubro de 1847, em Vila Nova de Gaia, onde faleceu em 1889. Frequentou o curso de Escultura na Academia Portuense de Belas-Artes e partiu para Paris como aluno de Jouffroy. A estátua em mármore branco *O Desterrado* (1872), inspirada em versos de Alexandre Herculano, viria a ser considerada a mais notável obra da escultura portuguesa de todo o século XIX, aliando à mestria técnica clássica uma temática intimista simbólica. Foi admitido, em 1881, como professor da Academia Portuense. Foi o grande renovador da escultura portuguesa do seu tempo, embora a incompreensão por parte da sociedade da época o tivesse conduzido ao suicídio. Só depois da sua morte, a arte de Soares dos Reis assumiu a grandeza que merecia perante os críticos e o público.



Aquilino Ribeiro (1885-1963)

Escritor, nasce em 13 de setembro de 1895, no concelho de Sernancelhe. Em 1902, vai para Viseu estudar Filosofia, transferindo-se para o seminário em Beja, onde frequenta o curso de Teologia, de onde é expulso. Em 1906, vai para Lisboa iniciando a vida de escritor e jornalista. Em 1907, adere à Carbonária, sendo preso no ano seguinte por manipulação de cargas de TNT, devido a uma violenta explosão no seu quarto. Em 1908, evade-se da prisão refugiando-se em Paris, voltando a Portugal depois de Proclamada a República. Em 1915, dá aulas no Liceu Camões e, em 1919, é convidado para o cargo de Bibliotecário na Biblioteca Nacional. Publica vários romances e novelas. Em 1927, envolve-se numa conspiração política e, perseguido, refugia-se de novo em Paris. Em 1935, é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, editando diversos livros de contos para crianças. É eleito Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, em 1956. Publica, em 1958, o romance *Quando Os Lobos Uivam*, obra que viria a ser proibida pela censura. Foi membro da Comissão de Candidatura do general Humberto Delgado. Faleceu a 27 de maio de 1963, em Lisboa.

Branquinho da Fonseca (1905-1974)

Escritor, nascido em Mortágua. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1930, participa, ainda como estudante, na fundação da revista *Tríptico* e, em 1927, na fundação da revista *Presença*, juntamente com José Régio e João Gaspar Simões. Em 1943, é provido no lugar de Conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, de Cascais, onde coloca em prática a primeira experiência realizada em Portugal no domínio das bibliotecas itinerantes. Tal facto levou a que fosse convidado pela Gulbenkian para organizar e dirigir o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, dessa mesma Fundação, a partir de 1958. Assinando os seus textos com o seu nome ou sob o pseudónimo de António Madeira, publicou obras de poesia, teatro, contos, novelas e romances.

Camilo Castelo Branco (1825-1890)

Escritor, natural de Lisboa. Aos 16 anos, casa-se com Joaquina Pereira e, em 1844, instala-se no Porto com o intuito de cursar Medicina, acabando por não passar do 2.º ano. Em 1845, estreou-se na poesia e no ano seguinte no teatro e no jornalismo, atividade que nunca abandonaria. Viúvo

desde 1847, fixa-se definitivamente no Porto a partir de 1848 (onde, em 1846, já estivera preso por ter raptado Patrícia Emília, um dos seus tumultuosos amores). Em 1851, inicia-se no romance com *Anátema*, mas só em 1856 atinge a maturidade literária (no domínio dos processos de escrita) com o romance *Onde Está a Felicidade?*. Foi ainda neste ano que iniciou o relacionamento amoroso com Ana Plácido, casada desde 1850 com Manuel Pinheiro Alves. Por proposta de Alexandre Herculano, foi eleito sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1858 — ano em que nasceu Manuel Plácido, filho de Camilo e de Ana Plácido. Em 1860, Manuel Pinheiro Alves desencadeou o processo de adultério: em junho foi presa a mulher e a 1 de outubro Camilo entregou-se na cadeia da Relação do Porto. D. Pedro V visitou-o, em 1861, na cadeia, e a 16 de outubro desse ano os réus foram absolvidos. Com grandes carências económicas, Camilo entrega-se a uma intensa atividade literária, tornando-se um dos mais produtivos escritores portugueses. A partir de 1881, agrava-se o seu estado de saúde, incluindo a doença dos olhos que o afetava. Em 1890, já cego e impossibilitado de escrever, suicida-se com um tiro de revólver.

Carlos Queiroz (1907-1949)

Poeta, ensaísta, crítico literário e de arte, nascido em Lisboa. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, tornando-se funcionário da Emissora Nacional, onde organizou programas culturais. Assíduo colaborador da revista *Presença* e de outras publicações literárias, foi considerado um elo de ligação entre a geração «presencista» e a de *Orpheu*. É Carlos Queiroz, num número especial da *Presença* de homenagem a Fernando Pessoa, que dá a conhecer os amores de Fernando Pessoa por Ofélia Queirós, sua tia, publicando nesse número diversas cartas de amor de Pessoa escritas a Ofélia. Considerado um discípulo direto de Fernando Pessoa, a sua poesia caracteriza-se pela perfeição formal, pelo equilíbrio e sobriedade e pela sugestão musical. Denuncia alguma herança romântica e certa aproximação ao simbolismo. Morreu em 1949, em Paris.

**D. António Ferreira Gomes (1906-1989)**

Bispo das Dioceses de Portalegre e do Porto. Aos 10 anos de idade ingressa no Seminário por influência de um tio padre e cónego. Depois de concluídos os estudos filosóficos e teológicos na Universidade Gregoriana de Roma (1925-1928), é ordenado presbítero. Em 1948, é indicado bispo e coadjutor de Portalegre e, no ano seguinte, ascende a bispo daquela diocese. Durante o tempo que passou no Alentejo, D. António mostrou-se muito sensível aos problemas sociais. Entre 1952 e 1958, foi bispo do Porto, concedendo especial atenção à miséria social que grassava na cidade e no País, reprovando o corporativismo estatal e reclamando a liberdade de expressão. Na sequência da campanha do General Humberto Delgado à presidência da República, escreveu a *Pro memoria* para uma conversa com Salazar. O texto gerou grande polémica quando chegou ao conhecimento público e acabou por levar D. António a um exílio de 10 anos, passados em Espanha, França e Itália, onde participou no Concílio do Vaticano II. Em 1969, Marcelo Caetano autoriza o seu regresso a Portugal e, em 1980, recolhe-se na Quinta da Mão Poderosa, em Ermesinde, onde viveu os seus últimos anos, dedicando-se à escrita e à reflexão.



D. António Prior do Crato (1531-1595)

Nasceu em Lisboa, em 1531, sendo filho natural do infante D. Luís e neto do rei D. Manuel I. Estudou em Coimbra, onde se licenciou em Artes em 1551, e estudou também Teologia em Évora, com os Jesuítas. Recebeu as ordens de diácono, professou na Ordem de Malta e foi-lhe atribuído o priorado do Crato. Em 1568 foi nomeado governador de Tânger e participou na Batalha de Alcácer Quibir em 1578, onde foi feito prisioneiro, mas sendo dos primeiros a ser resgatado. Com a morte de D. Sebastião, que não deixou descendentes, sucedeu-lhe o cardeal D. Henrique, mas mantinha-se o problema da sucessão. Surgiram vários candidatos ao

trono, entre eles D. António, que chegou a ser eleito rei pelo povo, em Santarém, em 19 de junho de 1580. Como grande adversário surgia Filipe II de Espanha. D. António esperava o apoio da Inglaterra e da França, grandes opositores dos espanhóis, mas tal não aconteceu e o seu fraco exército viu-se derrotado pelo duque de Alba na Batalha de Alcântara. D. António teve de fugir e refugiou-se em Calais. Decidido a continuar a luta, foi para os Açores, onde voltou a ser derrotado, tendo-se então refugiado definitivamente em França, onde veio a falecer em 1595.

D. João VI (1767-1826)

D. João VI, o *Clemente*, foi o 27.º Rei de Portugal. Nasceu em Lisboa no dia 13 de maio de 1767, no Palácio Real da Ajuda. Foi Príncipe Regente a partir de 1799, em consequência da doença de sua mãe D. Maria I, sendo coroado Rei no dia 6 de fevereiro de 1818. Com as Invasões Napoleónicas, parte com a corte para o Brasil, que até então era uma colónia e que passa a ser a sede da monarquia portuguesa. Aí permaneceu entre 1808 e 1821, onde promove a criação de Escolas de Medicina, do Jardim Botânico, da Biblioteca

Real, da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro e da Imprensa Régia. A Revolução Liberal iniciada no Porto, em 1820, vai levar à expulsão dos ingleses, à criação da constitucionalização e ao regresso da família real ao país. A primeira Constituição Portuguesa foi assinada por D. João VI, no dia 1 de outubro de 1822. Contra o regime liberal estavam o Infante D. Miguel, seu filho, e D. Carlota Joaquina, sua mulher, que por diversas vezes tentaram que abdicasse do trono e que se retomasse o regime absolutista, o que aconteceu em 1823, com a *Vilafrancada*. D. João faleceu no dia 10 de março de 1826, em Lisboa.

D. João de Castro (1500-1548)

Militar, cientista e cartógrafo, 13.º Governador e 4.º Vice-Rei da Índia. Nasceu em Lisboa e foi educado na corte, tendo sido amigo e discípulo de Pedro Nunes. Em 1518, parte para Tânger, onde se distingue em combate e é armado cavaleiro. Além das armas, D. João de Castro distingue-se também no campo das ciências, destacando-se entre as suas obras os três roteiros que escreveu enquanto esteve na Índia, repletos de apreciações de inegável interesse náutico e hidrográfico.

D. José I (1714-1777)

Nasce em Lisboa a 6 de junho de 1714, filho de D. João V, e torna-se rei a 7 de setembro de 1750. O seu reinado foi marcado pela tragédia do terramoto de 1755, que aconteceu apenas cinco anos após a sua aclamação e pela concentração de poderes num único Ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, que efetuou diversas reformas no ensino, na igreja, na indústria, na agricultura entre outras, a tal ponto que D. José ficou conhecido pelo cognome de Reformador. Sofre um atentado em 1758, que levou à execução dos marqueses de Távora. A inauguração da estátua equestre de D. José, no Terreiro do Paço, após a reconstrução da cidade de Lisboa, a 26 de maio de 1775, foi outro acontecimento importante na sua vida, que terminaria na Ajuda em 24 de fevereiro de 1777.





D. Luís I (1838-1889)

D. Luís I, o *Popular*, nasceu em Lisboa a 31 de outubro de 1838. Herdou o trono em 1861, por morte do seu irmão mais velho, D. Pedro V, que não tinha descendentes. Foi um homem muito culto e de grande sensibilidade artística. Pintava, compunha e gostava de tocar piano e violoncelo. Numismata, colecionador de moedas e de obras de arte, falava corretamente diversas línguas e fez traduções de Shakespeare. Mas era principalmente um homem das Ciências, com uma enorme paixão pela Oceanografia, financiando projetos

científicos e importantes pesquisas oceanográficas. Adorado pelo povo, daí o seu cognome, simpático, muito educado e de temperamento calmo e conciliador. Do seu reinado ficam para a história três grandes momentos civilizacionais para Portugal e até para o Mundo: a abolição da pena de morte, a abolição da escravatura e a publicação do primeiro Código Civil. D. Luís morreu no seu palácio de verão, na Cidadela de Cascais, a 19 de outubro de 1889.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977)

14.º Cardeal Patriarca de Lisboa. Nasceu em Lousado, matriculando-se no Seminário-Liceu de Guimarães em 1899. Concluiu o curso de Letras no Porto. De 1906 a 1909, frequentou o Seminário Conciliar de Braga, sendo ordenado presbítero a 1 de abril de 1911. Em 1916, foi nomeado assistente provisório da cadeira de História Medieval da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 18 de novembro de 1929, foi nomeado pelo Papa Pio XI, Patriarca de Lisboa. No mês seguinte é elevado ao cardinalato, sendo o mais novo dos cardeais. Fez inúmeras visitas

pastorais através de todo o Patriarcado, para conhecer de perto os problemas sociais e religiosos dos fiéis. Querendo apaziguar as relações com o Estado, devido às convulsões surgidas com a revolução republicana de 1910, tudo fez para que, em 1940, o Governo Português assinasse a Concordata com a Santa Sé. Fundou e inaugurou em 1967, a Universidade Católica Portuguesa. Faleceu a 1 de agosto de 1977.

Damião de Góis (1502-1574)

Historiador e humanista, nascido em Alenquer no dia 2 de fevereiro de 1502. Foi para a corte aos 10 anos, graças à influência de seu pai, fidalgo da casa do Duque de Viseu D. Fernando. Aí foi educado até 1521, exercendo o cargo de «moço de câmara» e beneficiando de uma pensão. Em 1523, foi nomeado para a feitoria de Flandres, em Antuérpia, onde ocupou os cargos de escrivão e secretário, vivendo a partir daí em constantes viagens onde conviveu com os maiores humanistas do seu tempo como Lutero, Alberto Dürer e Erasmo. Frequentava a Universidade de Pádua durante quatro anos. Apesar de ter recusado o lugar de tesoureiro da Casa da Índia que o rei D. João III lhe ofereceu, viu-se obrigado,

em 1545, perante as insistências do rei, a regressar a Portugal e ocupar o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo em 1548. Face às críticas que escreveu nas suas crónicas sobre as questões da expulsão dos judeus, a matança dos cristãos-novos e a expansão portuguesa e as referências desfavoráveis que foi o reinado do Príncipe Perfeito, o Tribunal do Santo Ofício acabou por lhe instaurar um processo inquisitorial. Faleceu em circunstâncias indefinidas em 30 de janeiro de 1574. Foi uma das figuras mais proeminentes do Humanismo português pelo contacto que proporcionou entre Portugal e os grandes nomes da época.



Egas Moniz (1874-1955)

Médico, escritor, diplomata, político e académico, galardoado com o Prémio Nobel da Medicina em 1949. Nasce em Avanca em 1874, doutorando-se, em 1899, na Faculdade de Medicina de Coimbra, onde se torna professor substituto, em 1902, sendo transferido para Lisboa, em 1911, como Professor Catedrático. Distingue-se como um clínico de grande importância nos meios científicos nacionais e internacionais, face aos notáveis estudos e pesquisas sobre a angiografia cerebral e a leucomia pré-frontal. Foi deputado em várias legislaturas, Ministro de Portugal em Madrid e Ministro dos Negócios Estrangeiros. Depois de muitos anos de atividade científica ligada às doenças mentais, em 1927 consegue ver pela primeira vez ao raio-X as artérias do cérebro e em 1935 constrói um aparelho denominado leucotómono. Faleceu em Lisboa a 13 de dezembro de 1955.



Fernando Lopes-Graça (1906-1994)

Compositor, maestro e musicólogo, nascido em Tomar. Estudou no Conservatório de Música de Lisboa com Viana da Mota, Tomás Borba e Luís de Freitas Branco e concluiu, em 1931, o Curso de Composição. Por motivos políticos, foi impedido de lecionar em instituições públicas e mais tarde no ensino privado. Após a sua prisão em Caxias (1936), Fernando Lopes-Graça foi viver para Paris, a expensas suas, onde estudou composição e musicologia. Aí escreveu as primeiras harmonizações de canções populares portuguesas e compôs *La fièvre du temps* por encomenda da *Maison de La Culture*. Em 1942 fundou a Sociedade de Concertos «Sonata», que dirigiu até 1961, dedicada à divulgação da música contemporânea, que se tornou numa referência da vanguarda intelectual. Colaborou com diversas publicações, como a *Presença*, a *Seara Nova* e a *Vértice*. A sua intensa produção artística manteve-se entre 1927 e 1992, tendo produzido 260 títulos e havendo no seu catálogo 694 peças, entre obras válidas, versões, revisões, esboços e transcrições. Morre na Parede, deixando o seu espólio à Câmara Municipal de Cascais para ser incorporado no Museu da Música Portuguesa.

Fernando Pessoa (1888-1935)

Escritor e poeta, natural de Lisboa. Passou nove anos da sua infância em Durban, na África do Sul, onde o seu padraсто era o cônsul português. Pouco depois de completar 17 anos, voltou a Lisboa para entrar no Curso Superior de Letras, que abandonou ao fim de dois anos. Preferiu estudar por sua própria conta na Biblioteca Nacional, onde leu livros de filosofia, de religião, de sociologia e de literatura. A sua produção de poesia e de prosa em Inglês foi intensa durante este período e, por volta de 1910, já escrevia também muito em português. Publicou o seu primeiro ensaio de crítica literária em 1912, o primeiro texto de prosa criativa (um trecho do *Livro do Desassossego*), em 1913, e os primeiros poemas de adulto em 1914. Embora solitário por natureza, com uma vida social limitada e quase sem vida amorosa, fez parte da corrente modernista em Portugal, na década de 1910. Respeitado em Lisboa como intelectual e como poeta, colaborou regularmente em revistas, algumas das quais ajudou a fundar e a dirigir, mas o seu génio literário só foi plenamente reconhecido após a sua morte. Ninguém fazia ideia de quão imenso e

variado era o universo literário acumulado na grande arca onde ia guardando os seus escritos ao longo dos anos. O conteúdo dessa arca compreende mais de 25 mil folhas com poesia, peças de teatro, contos, filosofia, crítica literária, traduções, teoria linguística, textos políticos, horóscopos e outros textos sortidos, tanto datilografados como manuscritos, em português, inglês e francês. Para aumentar a confusão, escreveu sob dezenas de nomes, a que chamou heterónimos dotando este «outros eus» de biografias, características físicas, personalidades, visões políticas, atitudes religiosas e atividades literárias próprias. Algumas das mais memoráveis obras de Pessoa escritas em português foram por ele atribuídas aos três principais heterónimos poéticos — Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos — e ao «semi-heterónimo» Bernardo Soares.



Florbelza Espanca (1894-1930)

Escritora e poetisa. Nasce em Vila Viçosa no dia 8 de dezembro de 1894, concluiu o curso de Letras dos Liceus em Évora, em 1917, e matricula-se na Faculdade de Direito em 1919. Escreve o primeiro livro de versos, *Livro de Mágoas*, ainda nesse ano e, em 1923, o *Livro de Sórora Saudade*. Morre na noite de 7 para 8 de dezembro de 1930, em Matosinhos, e nesse ano surge o livro póstumo *Chameca em Flor*, que vai chamar as atenções para a curta obra da vida da poetisa. A escritora que raros conheciam passa a ser falada e discutida nos jornais e revistas, nos livros e nas conferências que se realizam na época.

Gil Vicente (1465-1537)

Dramaturgo e poeta. Sobre a sua vida e atividade pouco se sabe de seguro: é incerto o local onde nasceu e as datas de nascimento e de óbito que lhe são atribuídas são conjeturais. Na sua obra dramaturgical, Gil Vicente dedica-se à crítica social, criando uma galeria de tipos que permitem retratar a sociedade portuguesa do seu tempo, os seus vícios e os seus dramas, a degradação dos costumes, a alcoviteirice, a infidelidade

conjugal, a superstição, a usura ou a imoralidade dos religiosos. O seu primeiro trabalho conhecido, o *Auto da Visitação*, também conhecido como *Auto do Vaqueiro*, foi apresentado à rainha D. Maria, consorte de D. Manuel, a 8 de junho de 1502, sendo esta representação considerada um marco na história do teatro português. A obra-prima de Gil Vicente é formada pela trilogia das Barcas: o *Auto da Barca do Inferno* (1516), o *Auto da Barca do Purgatório* (1518) e o *Auto da Barca da Glória* (1519), que se debruçam sobre a temática do julgamento das almas após a morte.

Guerra Junqueiro (1850-1923)

Nasceu em Freixo de Espada à Cinta, formando-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1873, foi funcionário público, político, deputado, jornalista, escritor e poeta. Influenciado por Baudelaire, Proudhon, Victor Hugo e Michelet, iniciou uma intensa escrita poética com o fim último de, pela crítica, renovar a sociedade portuguesa, ajudando a criar o ambiente revolucionário que conduziu à Implantação da República. Foi o poeta mais popular da sua época e o mais típico representante da

chamada «Escola Nova». Entre 1911 e 1914, é nomeado Ministro Plenipotenciário da República Portuguesa na Confederação Suíça, em Berna. Faleceu no dia 7 de julho de 1923, em Lisboa.

Implantação da República (1910)

A implantação da República é resultante de um longo processo de mutação política, social e mental, que ocorre no final do século XIX. O *Ultimato* inglês, de 11 de janeiro de 1890, e a atitude da monarquia portuguesa perante este ato precipitaram o desenvolvimento do Partido Republicano Português. A República Portuguesa foi proclamada em Lisboa a 5 de outubro de 1910. Nesse dia foi organizado um governo provisório, que tomou o controlo da administração do país, chefiado por Teófilo Braga, um dos teorizadores do movimento republicano nacional. Iniciava-se um processo que culminou na implantação de um regime republicano, que definitivamente afastou a monarquia. Este governo impôs as novas regras da eleição dos deputados da Assembleia Constituinte, reunida pela primeira vez a 19 de junho desse ano, numa sessão onde foi sancionada a revolução republicana,

foi abolida o direito da monarquia e foi decretada uma república democrática, que veio a ser dotada de uma nova Constituição em 1911.

Infante D. Henrique (1394-1460)

Ficou conhecido como «O Navegador», por ter sido o grande impulsionador dos descobrimentos portugueses. Filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, nasce em 1394 no Porto e recebe uma séria formação religiosa e moral. A ele se deve a conquista de Ceuta em 1415, acontecimento que é considerado o primeiro passo para a expansão marítima portuguesa. Os navios ao serviço do Infante realizaram expedições às ilhas Canárias (1415-1416) e às ilhas de Porto Santo e da Madeira (1419-1420). Entre 1422-1433, ocorrem as expedições ao longo da costa de África e a passagem do Cabo Bojador faz-se com Gil Eanes, escudeiro do Infante, em 1434, ano em que D. Henrique se fixa na Vila do Infante (Cabo de Sagres). Em 1446, atinge-se o limite norte da atual Guiné e, em 1456, dá-se como presumível a descoberta de algumas ilhas de Cabo Verde. Por altura da sua morte, em 1460, a sua casa senhorial estava entre as mais poderosas

forças económicas do país, com inúmeros privilégios comerciais ao longo de toda a rota marítima e territorial portuguesa.

Jaime Cortesão (1884-1960)

Escritor, médico, político e historiador, nasceu em 29 de abril de 1884 perto de Cantanhede. Em Coimbra, passa por vários cursos (Grego, Direito e Belas-Artes) antes de se fixar em Medicina, que terminaria em Lisboa, o que demonstra a sua multiplicidade de interesses. Cedo se dedica à literatura e à política. Escritor (poeta, dramaturgo, contista, memorialista), colaborou na criação de diversas publicações que marcaram a vida intelectual como a *Ilustração Portuguesa* e a *Seara Nova*. Participou ativamente na conspiração republicana que iria conduzir ao 5 de outubro de 1910, opôs-se ao sidonismo como ao salazarismo, o que lhe valeu por diversas vezes a prisão e finalmente o exílio. Depois de viver em França e em Espanha, fixa-se no Brasil, onde foi docente, jornalista e conferencista, destacando-se ainda como investigador da História de Portugal, dos Descobrimentos e da História da formação do Brasil. Regressa definitivamente a Portugal em 1957. A sua

avançada idade não lhe permitiu aceitar a proposta da Oposição ao Estado Novo de se candidatar à Presidência da República, em 1958, mas não o impediu de continuar a lutar contra o regime. Faleceu em Lisboa no dia 14 de agosto de 1960.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894)

Historiador, escritor e político, nasce em Lisboa a 30 de abril de 1845. Frequentou o curso de Engenharia Militar na Escola Politécnica e exerceu funções de administrador numa mina na Andaluzia, regressando a Portugal, em 1874, para dirigir a construção da linha férrea do Porto à Póvoa de Varzim e Famalicão, tendo sido administrador da respetiva Companhia ferroviária. Em 1878 torna-se sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e concorre às eleições no Porto. Publica artigos sobre história e política social em diversos jornais da época. Escreve peças de teatro e de poesia. Lança a obra *Biblioteca das Ciências Sociais*, com o volume *História da Civilização Ibérica*, em maio de 1879, e, em outubro, a *História de Portugal*. Em 1880, foi eleito Presidente da Sociedade de Geografia Comercial

do Porto, tendo sido nomeado, em 1884, Diretor do Museu Industrial e Comercial do Porto. Tendo recusado a pasta da Fazenda, que lhe foi oferecida pelo novo rei, D. Carlos, representa o governo em diferentes conferências internacionais. Em 1892, aceita finalmente a pasta das Finanças mas entra em conflito com o Presidente do Conselho e demite-se, indo para Londres. É eleito pela Câmara dos Deputados membro da Junta de Crédito Público. Dedicar-se a escrever a obra *Vida de Nun'Álvares* e a preparar o *Príncipe Perfeito*, vai a Espanha já doente para se documentar. Morre em 24 de agosto de 1894.

João Gaspar Simões (1903-1987)

Escritor, ensaísta, crítico literário e jornalista português, nascido a 25 de fevereiro de 1903, na Figueira da Foz. Frequentou o curso de Direito em Coimbra, colaborando com José Régio e Branquinho da Fonseca e participando, em 1927, na fundação da revista *Presença*. Entrou como Revisor para a Imprensa Nacional, em 1935, passando a exercer as funções de Encarregado de Biblioteca entre os anos de 1940 e 1949. Editou as *Obras Completas de Fernando Pessoa*, entre os anos de 1942-1945,

publicando uma biografia exaustiva sobre o autor. Exerceu a crítica literária de modo sistemático nas páginas de publicações periódicas como o *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Primeiro de Janeiro*, *Mundo Literário*, *Diário de Notícias*, *Átomo*, entre outras. No domínio da criação literária, escreveu cinco peças de teatro e distinguiu-se como romancista, com a publicação de *Elói*. Como tradutor, traduziu autores como Balzac, Charlotte Brontë, Diderot, Dostoiévski, Aldous Huxley, Kafka, D. H. Lawrence, Tolstoi, Oscar Wilde, Voltaire ou Zola. Faleceu a 6 de janeiro de 1987, em Lisboa.

Jornal do Comércio (1853-1989)

Impresso como *O Pacote Commercial* em 1852, no ano seguinte assume o título *Jornal do Comércio*, propriedade de João Ferreira da Silva e de Matheus Pereira d'Almeida e Silva. O n.º 1 saiu em 17 de outubro de 1853 e o último número, o 143, em 29 de setembro de 1989. Entre 1912 e 1940, denominou-se *Jornal do Comércio e das Colónias*. Foi impresso em Lisboa, na tipografia com o mesmo nome.

José Leite de Vasconcelos (1858-1941)

Etnólogo, filólogo, arqueólogo, museólogo e professor universitário, nascido em Tarouca. Completou o curso de Medicina em 1886 na então Escola Médico-Cirúrgica do Porto, mas abandona a Medicina, que exerceu por pouco tempo, para se dedicar de corpo e alma à Linguística, à Filologia, à Literatura, à Numismática, à Etnografia e à Arqueologia, transportando o rigor das ciências exatas para o domínio das letras e das ciências humanas. Considerado por muitos o «pai da arqueologia portuguesa», fundou o Museu Etnográfico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia, e criou *O Arqueólogo Português*, a mais antiga revista científica e patrimonial da arqueologia portuguesa. Em 1929, reforma-se e dedica-se à escrita, publicando a *Etnografia Portuguesa*, editada pela Imprensa Nacional.

**José Malhoa (1855-1933)**

Pintor, nascido nas Caldas da Rainha. Matricula-se na Escola de Belas-Artes de Lisboa com apenas 12 anos, onde concluiu o curso entre prémios e louvores. O ponto de partida da sua carreira faz-se com a decoração do teto da sala de concertos do Conservatório de Lisboa e, mais tarde, pinta igualmente o teto da sala do Supremo Tribunal de Justiça. Participa em diversas exposições na Sociedade de Belas-Artes e no Grémio Artístico. É autor de inúmeras obras, sendo *O Fado* uma das que são mais representativas, pintada em 1909-1910, encontra-se atualmente exposta no Museu do Fado.

José Marinho (1904-1975)

Filósofo, nasce no Porto, a 1 de fevereiro de 1904, ingressando na Faculdade de Letras para frequentar o curso de Filologia Românica. Em 1936, morre Leonardo Coimbra, o seu «mestre para a vida inteira». Publica a obra *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra* e, em 1961, publica *A Teoria do Ser e da Verdade*, obra a que dedicou mais de uma dúzia de anos. A convite de Delfim Santos, vai trabalhar para o Centro de Estudos Pedagógicos

da Fundação Calouste Gulbenkian. Após prolongada doença, falece no dia 5 de agosto de 1975. Foi um dos fundadores do grupo *Filosofia Portuguesa*, que se reuniu em Lisboa a partir dos anos 40, composto por António Ribeiro, António Braz Teixeira, António Quadros, Afonso Botelho, entre outros.

José Régio (1901-1969)

Escritor, professor, crítico e historiador de literatura, nascido em Vila do Conde. José Régio é o pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira, licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1925. No mesmo ano que concluiu a licenciatura publicou o seu primeiro volume de poesia *Poemas de Deus e do Diabo*. Em março de 1927, fundou com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca a revista *Presença*, que durou treze anos e foi considerada o órgão divulgador do segundo modernismo. Além da atividade docente e da criação literária, José Régio manteve como crítico uma intensa colaboração com diversos jornais e revistas.

José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911)

Escritor, nascido em Vilar de Frades a 7 de julho de 1857. Em 1872, trabalha como praticante de farmácia e frequenta o Liceu Francês. Em 1877, começa a escrever textos que mais tarde irá publicar com o título de *Contos*. Em 1879, matricula-se na Escola Médico-Cirúrgica, funde e dirige a revista literária *A Crónica*, iniciando a sua carreira jornalística, colabora com Rafael Bordalo Pinheiro. Publica várias obras e forma-se em Medicina, em 1895. Em 1898, estreia-se no Teatro da Trindade com a peça traduzida *Legendre* de João Darlot. Faleceu em 4 de março de 1911, na vila de Cuba, no Alentejo, com 54 anos.

José Vianna da Motta (1868-1948)

Compositor e pianista, nascido em São Tomé e Príncipe. Estudou no Conservatório de Lisboa de onde partiu, após conclusão dos estudos, com apenas 14 anos, para Berlim. Com o patrocínio do Rei D. Fernando II, foi aluno de Franz Liszt durante três anos. Em 1914, devido à 1.ª Guerra Mundial, foi para Genebra, onde foi professor. Em 1917, regressou a Lisboa, onde foi igualmente professor e, entre 1919

e 1938, diretor do Conservatório Nacional. Foi considerado um brilhante intérprete de Liszt, Bach e Beethoven. Compôs a sinfonia *Pátria*, influenciada por ideais nacionalistas. Faleceu em Lisboa no dia 1 de junho de 1948.

Júlio Dinis (1839-1871)

Escritor, médico e professor. Joaquim Guilherme Gomes Coelho, mais conhecido pelo pseudónimo Júlio Dinis, nasceu no Porto, no dia 14 de novembro de 1839. Formou-se em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, vindo a tornar-se, em 1865, professor naquela Escola. Utilizou pela primeira vez o pseudónimo Júlio Dinis em 1860, quando enviou textos de poesia para a revista *Grinalda*. A sua carreira foi interrompida por diversas vezes devido à tuberculose, que o obrigava a mudar-se para ambientes rurais, o que o fez interessar-se por um tipo de romance diferente – o romance rural. As suas principais obras, todas assinadas como Júlio Dinis, são: *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867), *A Morgadinha dos Canaviais* (1868), *Uma Família Inglesa* (1868), *Serões da Província* (1870), *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871), *Poesias* (1873), *Inéditos e Esparsos* (1910), *Teatro Inédito* (1946-1947).

O único romance citadino é *Uma Família Inglesa*, baseado na literatura inglesa. Morre com apenas 31 anos de idade, no Porto, vítima da doença que o diminuiu ao longo da vida.

Luísa Todi (1753-1833)

Atriz e cantora lírica nascida em Setúbal, de seu nome completo Luísa Rosa de Aguiar, nasce em Setúbal a 9 de janeiro de 1753. Filha de um professor de música que, após o terremoto de 1755, vai para Lisboa, levando a família, para tocar numa companhia de teatro. Luísa não tinha ainda 15 anos quando se estreia representando e cantando, juntamente com as duas irmãs, no teatro do Bairro Alto, numa época onde era extremamente difícil contratar atrizes, pois era proibido por lei. Em 1769, casa-se com o violinista italiano Francisco Savério Todi, adotando o seu apelido. Com a sua ajuda e treino torna-se uma grande cantora, atuando por toda a Europa. Em 1811, instala-se definitivamente em Lisboa, cidade onde vem a falecer. Nos últimos anos de vida fica cega mas, mesmo assim, conserva até aos últimos dias uma grande paixão pela arte que a consagrou como uma das maiores cantoras da sua época.

Luís Vaz de Camões (1524-1580)

Poeta. Pensa-se que tenha nascido em Lisboa, no seio de uma família da pequena nobreza, recebendo uma educação sólida nos moldes clássicos, o que lhe permitia dominar o latim e a literatura da antiguidade. Nos tempos de juventude, frequentou a corte de D. João III e, segundo consta, conheceu várias paixões amorosas, o que lhe teria servido de inspiração para a sua obra lírica. Em 1547 embarca como soldado para a África, onde perde um olho em combate. Em 1552 regressa a Lisboa, sendo preso na sequência de uma luta onde fere um funcionário real. Embarca para a Índia em 1553, onde participa de várias expedições militares, e, em 1556, vai para a China. Em 1570 volta para Lisboa, já com o manuscrito do poema *Os Lusíadas*, que foi publicado em 1572, com a ajuda do rei D. Sebastião. O poema funde elementos épicos e líricos e sintetiza as principais marcas do Renascimento português: o humanismo e as expedições ultramarinas. Inspirado na *Eneida* de Virgílio, Camões narra factos heroicos da história de Portugal, em particular a descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama. Além dos seus poemas líricos e

épicos, Camões escreveu ainda três obras de teatro. D. Sebastião concedeu-lhe uma tença anual, que pouco lhe valeu, pois morre a 10 de junho de 1580, em Lisboa. Camões é hoje considerado um dos mais importantes símbolos da identidade nacional e um dos maiores expoentes da literatura e da língua portuguesa.

Manoel de Oliveira (1908)

Cineasta. Nasceu no Porto, onde fez os primeiros estudos, no Colégio Universal, e mais tarde num colégio de jesuítas na Galiza. Mostra interesse pelo cinema desde cedo e, aos 20 anos, começa os seus estudos na Escola de Atores de Cinema de Lino Rupo. O documentário *Douro, Faina Fluvial* (1931) é o seu primeiro filme, ainda numa versão muda, estreando a versão sonora em 1934. A sua primeira longa-metragem foi *Aniki-Bobó* que, apesar de ter sido muito mal recebido, com o passar dos anos se tornou um dos mais populares filmes portugueses. Em 1955 vai para a Alemanha realizar um estágio intensivo nos laboratórios da AGFA, para estudar a cor aplicada ao cinema. Deste estágio resulta a sua primeira aplicação à cor com o documentário *O Pintor* e

a Cidade (1956). É a partir de 1960 que começa a sua consagração definitiva no plano internacional, recebendo uma menção honrosa no Festival de Locarno em 1964. Apontado como o mais velho cineasta do mundo em atividade, Manoel de Oliveira mostra ainda uma vitalidade e uma capacidade de realização invulgares, estreando praticamente um filme por ano desde a década de 90, sendo autor de mais de três dezenas de longas-metragens.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805)

Poeta, nasce na vila de Setúbal a 15 de setembro de 1765. Teve uma infância infeliz, o pai foi preso quando tinha seis anos e a mãe faleceu quando tinha dez. Em 1786, é enviado para Goa na qualidade de guarda-marinha, regressando ao país em agosto de 1790, onde adere à recém-fundada Academia das Belas-Letras, de onde é expulso em 1794. Em 1791, escreve sob o nome de Elmano Sadino e publica o primeiro volume das *Rimas*. Em 1797, após a decisão do Intendente da polícia Pina Manique de pôr ordem na cidade de Lisboa, Bocage recebe ordem de prisão por ser «desordenado nos costumes».

Ficou preso no Limoeiro, tendo depois dado entrada na Inquisição e passando mais tarde pelo Convento dos Beneditinos. Durante o período de detenção, mudou o seu comportamento e começou a trabalhar como redator e tradutor, saindo em liberdade em 1798. De 1799 a 1801, trabalhou com Frei José Mariano da Conceição Veloso, frade, missionário e botânico brasileiro, que foi diretor da Oficina Tipográfica do Arco Cego e que lhe entregou diversas obras para traduzir. Publica o segundo volume das *Rimas*. Em 1802, responde perante o Santo Ofício, acusado de pertencer à maçonaria. Em 1805, sofre um aneurisma na carótida, passando a partir daí a conviver com o espectro da morte, escrevendo ativamente numa luta contra o tempo. Até falecer, publica as seguintes obras: *Improvisos de Bocage na sua Muiperigosa Enfermidade*, o elogio dramático *A Gratidão*, os *Novos Improvisos de Bocage na sua Moléstia*, *A Saudade Materna*, o idílio *Mágoas Amorasas de Elmano* e *A Virtude Laureada*. Faleceu a 21 de dezembro de 1805, com 40 anos, na travessa de André Valente, em Lisboa.

Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992)

Pintora, nascida em Lisboa. Aos 11 anos ingressou na Academia de Belas-Artes, em Lisboa, onde estudou desenho e pintura, tendo também estudado Anatomia na Faculdade de Medicina. Em 1928 foi viver para Paris, onde conheceu o pintor húngaro Arpad Szenes, com quem se casou em 1930. Em 1939, devido ao despoletar da Guerra, Vieira da Silva e Arpad mudam-se para Portugal, onde permanecem cerca de um ano, partindo depois para o exílio no Brasil. A partir de 1948, o Estado francês começa a adquirir as suas pinturas e, em 1956, tanto ela como o marido obtêm a nacionalidade francesa. Em 1960 o Governo Francês atribui-lhe uma primeira condecoração, em 1966 é a primeira mulher a receber o *Grand Prix National des Arts* e, em 1979, torna-se cavaleira da Legião de Honra francesa. Além de ter sido uma das pintoras abstratas mais celebradas na Europa do pós-guerra, o percurso de Vieira da Silva ficou ainda associado a trabalhos de arte pública, cenografia, tapeçaria, vitral e ilustração. Morre em Paris, sendo sepultada junto à sua mãe e ao seu marido.

Mário de Azevedo Gomes (1885-1965)

Silvicultor, botânico, professor universitário e político. Nasceu em Angra do Heroísmo, a 22 de dezembro de 1885. Em 1902, matriculou-se no Instituto de Agronomia e Veterinária, concluindo o curso de engenheiro-agrônomo, em 1907. Em 1914, inicia uma carreira de mais de 30 anos como Professor no Instituto Superior de Agronomia, tendo-se dedicado ao estudo da silvicultura. Foi demitido em 1946, por motivos políticos, voltando a ser reintegrado em 1951. Em 1924, aderiu ao grupo da *Seara Nova*, tendo sido por indicação deste grupo que foi nomeado ministro da Agricultura no governo de Álvaro de Castro. A partir de 1945, participou com mais destaque no movimento oposicionista, tornando-se numa das figuras mais emblemáticas da oposição. Por ter sido um dos subscritores do documento O MUD e a admissão de Portugal na ONU (1946), foi preso diversas vezes devido aos seus ideais democráticos, subscreveu o manifesto da criação da União Democrática Portuguesa e continuou a participar ativamente em diversas atividades da oposição através de manifestos, proclamações, abaixo-assinados. Com o aproximar das

eleições presidenciais de 1958, o seu nome foi apontado como um dos prováveis candidatos da oposição, contudo, acabou por ser, juntamente com António Sérgio, um dos grandes impulsionadores da candidatura de Humberto Delgado. Em novembro de 1958, foi novamente detido, por promover a vinda a Portugal de um deputado trabalhista inglês. Foi libertado sob caução e encabeçou os protestos contra as perseguições sofridas por Humberto Delgado. Em 1965, sofre um acidente de viação, vindo a falecer a 12 de dezembro, em Lisboa.

Marquês de Pombal (1699-1782)

Diplomata e Secretário de Estado do Reino (equivalente a Primeiro-Ministro). Sebastião José de Carvalho e Melo dedicou-se à carreira diplomática e, após a subida de D. José I ao trono, em 1750, tornou-se Secretário de Estado do Reino, fundando escolas, reformando a Universidade, reorganizando o exército, desenvolvendo a agricultura, o comércio e a indústria. Reedifica e reorganiza a cidade de Lisboa após o violento terramoto de 1755. Recebe os títulos de Conde de Oeiras, em 1759, e de Marquês de Pombal, em 1770.

Logo após a morte de D. José, em 1777, é demitido do seu cargo e condenado ao desterro na sua casa em Pombal, onde vem a falecer.

Matias Aires (1705-1763)

Filósofo e escritor, nascido em São Paulo. Aos 12 anos, muda-se com a família para Lisboa, frequenta o colégio de Santo Antão, torna-se mestre em Artes pela Universidade de Coimbra e forma-se em Direito Civil e Canónico em França, tendo estudado também Hebraico, Física e Matemática. Em 1723, ocupa o cargo de provedor da Casa da Moeda, em Lisboa, que herdou de seu pai, sendo afastado em 1761. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* (1752), um ensaio filosófico e moral sobre a vaidade e a natureza humana, é considerada a sua obra mais importante.

Miguel Torga (1907-1995)

Escritor, nascido em São Martinho da Anta, Vila Real, com o nome de Adolfo Correia da Rocha. Em 1925 entra para a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e publica o seu primeiro livro de poemas, *Ansiedade*. Colabora com a

revista *Presença* entre 1929 e 1930. Exerceu medicina na terra natal, acabando por fixar-se em Coimbra. Em 1936, adota o pseudónimo de Miguel Torga, «Miguel» em homenagem a Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno e «Torga», nome de planta bravia que cresce por entre a aridez das rochas. Entre dezembro de 1939 e fevereiro de 1940, esteve preso nas cadeias de Leiria e no Aljube e, embora tivesse pensado abandonar o país, não o fez devido ao amor que sentia pela terra-mãe, bem visível na sua obra. Várias vezes premiado, nacional e internacionalmente, foram-lhe atribuídos, entre outros, o prémio Diário de Notícias (1969), o Prémio Internacional de Poesia (1977), o prémio Montaigne (1981), o Prémio Camões (1989), o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (1992) e o Prémio da Crítica, consagrando a sua obra (1993).

Monumento dos Descobrimentos (1940, 1960)

Situado em Belém, na zona de onde, no século XV, partiam as primeiras caravelas rumo à África, o monumento comemora os Descobrimentos portugueses. Embora tenha sido erguido de forma efémera

aquando da Exposição do Mundo Português de 1940, a sua construção, na forma em que o conhecemos hoje, data de 1960, ano do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique. Trata-se de uma enorme caravela em pedra, na qual figuram estátuas dos principais navegadores, como Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Fernão de Magalhães, entre outros. Em 1940, completou-se o 3.º Centenário sobre o Movimento da Restauração da Independência e o 8.º Centenário sobre a data em que D. Afonso Henriques usara pela 1.ª vez o título de Rei de Portugal. Este duplo centenário foi festejado com um conjunto de realizações culturais centradas na Exposição do Mundo Português. Deste acontecimento realizado em Belém, na Praça do Império, destacar-se-á o Padrão dos Descobrimentos. Da autoria do arquiteto Cottinelli Telmo e do escultor Leopoldo de Almeida, seria a única peça a passar a definitiva em 1960. O modelo das figuras foi proposto por Francisco Franco.



Nossa Senhora da Conceição

O Dogma da Imaculada Conceição foi instituído pelo Papa Pio IX, a 8 de dezembro de 1854, mas a solenidade espiritual da Padroeira portuguesa já se encontrava presente na História de Portugal em dois dos seus acontecimentos mais marcantes: na Revolução de 1383-1385, com a fundação da Igreja de Nossa Senhora do Castelo em Vila Viçosa, por D. Nuno Álvares Pereira que, após a batalha de Aljubarrota, reconheceu que a mística que levou Portugal à vitória surge pela devoção de um povo a Nossa Senhora da Conceição e no movimento da Restauração cuja coroação de D. João IV, como Rei de Portugal após o domínio espanhol a 15 de dezembro de 1640, sublinhou novamente a devoção de um Rei, que assumiu no gesto de coroação da Imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa como Rainha de Portugal nas cortes de 1646.

Nuno Álvares Pereira (1360-1431)

Cavaleiro militar, nasceu em 24 de junho de 1360, em Cernache do Bonjardim. A sua educação foi feita segundo os ideais da cavalaria medieval. Aos 13 anos foi apresentado na corte, onde logo se fizeram

notar as suas qualidades e o seu génio militar, e tornou-se escudeiro da rainha D. Leonor Teles, esposa do rei D. Fernando. Com a morte do Rei, em 1383, e estando em causa a independência nacional, gera-se a revolta popular e todo um processo de luta contra as pretensões castelhanas. Segue-se um período de lutas constantes entre os partidários de Castela e os defensores da independência de Portugal. A sua primeira grande vitória dá-se na Batalha dos Atoleiros, em 1384. Em 1385, nas Cortes de Coimbra, o Mestre de Avis é aclamado Rei de Portugal e Nuno Álvares Pereira é nomeado Condestável do Reino. A luta contra os opositores de D. João I continua e dá-se a batalha decisiva de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385. Apesar da desigualdade de forças entre os dois exércitos, os portugueses obtêm uma vitória esmagadora, graças ao génio militar do Condestável, que pôs em prática as novas táticas de guerra que aprendera com os ingleses, além de ter escolhido o melhor local para o embate. Com o consolidar da paz com Castela, Nuno Álvares Pereira, que entretanto fora cumulado com sucessivas doações de terras e bens, vai dedicar-se a obras de beneficência. Participou, em 1415, na conquista de Ceuta. Em 1423, professa

no Convento do Carmo, que ajudara a construir, tomando o nome de Nuno de Santa Maria, onde passa os últimos anos da sua vida, entregue à penitência e servindo os pobres. Faleceu em Lisboa, a 1 de novembro de 1431. Já em vida era conhecido como o *Santo Condestável* e foi beatificado pela Igreja em 23 de janeiro de 1918, sendo venerado a 6 de novembro. Foi canonizado pelo Papa Bento XVI, em 26 de abril de 2009.

Padre António Vieira (1608-1697)

Jesuíta, diplomata, escritor e orador. Nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608, foi para o Brasil com 6 anos de idade e fez os primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas em Salvador, ordenando-se sacerdote em 1634. Após a Restauração da Independência, regressa a Lisboa em 1641, iniciando uma carreira diplomática. Foi uma das figuras mais influentes do século XVII, destacou-se na política e como missionário no Brasil, entrou várias vezes em conflito com a Inquisição, defendeu de forma aguerrida os direitos humanos dos indígenas e combateu a sua exploração e escravização. Na literatura as suas obras são de extrema importância para o barroco

português e brasileiro. Morreu com 89 anos de idade na cidade de Salvador da Bahia.

Pedro Nunes (1502-1578)

Matemático, natural de Alcácer do Sal. Licenciou-se em Artes, estudou Matemática e Metafísica, assim como frequentou algumas cadeiras de Medicina, na Universidade de Salamanca. Em 1529, foi nomeado cosmógrafo do reino e, em 1532, estuda Filosofia e termina a formação em Medicina na Universidade de Lisboa, onde se torna regente em diversas cadeiras dos cursos de Artes, Filosofia, Matemática e Medicina. Em 1537, transfere-se para a Universidade de Coimbra, onde leciona até 1562. O século XVI foi considerado por Gomes Teixeira o século de Pedro Nunes, face à hegemonia de Portugal em relação às ciências matemáticas ministradas por este autor.



Real Biblioteca Pública

A Real Biblioteca Pública da Corte, fundada por Alvará régio de 29 de fevereiro de 1796, é a mais antiga antecessora formal da Biblioteca Nacional de Portugal. O referido diploma conferiu-lhe a natureza de biblioteca pública, tendo a mesma sido instalada no Torreão Ocidental da Praça do Comércio (Terreiro do Paço). Durante a primeira fase da sua existência, a Real Biblioteca beneficiou, além das dotações do orçamento régio, de doações privadas e de obras entradas por via da aplicação da primeira lei de depósito legal (1805), que tornou extensiva às tipografias a obrigatoriedade de depositarem um exemplar de todas as obras que imprimissem.

Reinaldo dos Santos (1880-1970)

Médico, escritor, cientista, historiador e crítico de arte, licenciado pela Faculdade de Medicina de Lisboa em 1903, foi nomeado Professor de Cirurgia e Urologia em 1907. Conviveu com personalidades como Almada Negreiros, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e Vianna da Motta. Entre 1916 e 1918, durante a 1.ª Guerra Mundial, trabalhou em França como cirurgião.

Dedicou-se às mais variadas formas de arte, como a pintura, escultura, arquitetura, azulejaria e ourivesaria, investigando-as e publicando diversos trabalhos com estudos pormenorizados. Foi presidente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia de Belas-Artes de Lisboa. Faleceu em Lisboa a 6 de maio de 1970.

Santo António (1195-1231)

Apesar de ser Fernando o seu nome de batismo, ficou conhecido como Santo António de Lisboa, por aí ter nascido, ou de Pádua, por aí ter sido sepultado, um dos grandes santos do Catolicismo. Foi o primeiro teólogo da Ordem criada por São Francisco de Assis, distinguiu-se como orador e como um dos intelectuais mais notáveis do seu tempo. Os sermões que deixou escritos demonstram um grande conhecimento da literatura religiosa e da literatura clássica, tendo lecionado em universidades em França e em Itália. São-lhe atribuídos vários milagres e foi canonizado pela Igreja Católica pouco tempo após a sua morte.

São João de Deus (1495-1550)

Fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros e santo padroeiro dos hospitais, dos doentes e dos enfermeiros. Nasceu em Montemor-o-Novo com o nome de João Cidade e saiu de Portugal com apenas 8 anos de idade. Foi pastor e soldado, participando na guerra de Carlos V contra Francisco I de França e na guerra contra os Turcos em Viena. Por volta de 1538, após ouvir um sermão de S. João de Ávila, arrepende-se da vida que havia levado até então e adota comportamentos penitenciais. Decide dedicar-se a ajudar os pobres e os enfermos, cria um hospital em Granada e funda a Ordem dos Irmãos Hospitaleiros. Morre em Granada em 1550, sendo beatificado em 1630 e canonizado em 1690.



Universidade de Coimbra (1290)

No ano de 1290, D. Dinis assinou em Leiria o documento «*Scientiaethesaurus mirabilis*», que dá origem à Universidade mais antiga do país e a uma das mais antigas do mundo. Inicialmente, começa a funcionar em Lisboa, sendo transferida para Coimbra em 1308, alternando entre as duas cidades até 1537, quando se instala definitivamente na cidade do Mondego. Funcionando no Palácio Real, a Universidade espalha-se por Coimbra, modificando-lhe a paisagem, tornando-a na cidade universitária. Em 1772, com D. José I, a Universidade recebe os *Estatutos Pombalinos*, que vão introduzir uma profunda reforma, criando as Faculdades de Matemática e de Filosofia Natural (Ciências), que resulta na necessidade da existência de novos estabelecimentos científicos, como o Laboratório Químico, o Observatório Astronómico, a Imprensa da Universidade e a instalação do núcleo inicial do Jardim Botânico. Estudar na Universidade de Coimbra é dar continuidade à história da matriz intelectual do país, que formou as mais destacadas personalidades da cultura, da ciência e da política nacional. Com mais

de sete séculos, a Universidade de Coimbra conta com um património material e imaterial único, peça fundamental na história da cultura científica europeia e mundial. É Património Mundial da UNESCO desde 22 de junho de 2013.

Vasco da Gama (?-1524)

Navegador e descobridor do caminho marítimo para a Índia, comandante da expedição que realizou a primeira viagem por mar da Europa à Ásia. Após a 1.^a viagem, que terminou em Calecut no ano de 1498, ainda efetuou mais duas vezes a travessia pela qual ficou conhecido: em 1502, como comandante da armada com 20 navios, e, em 1524, como Governador e Vice-Rei, já no reinado de D. João III. Nasceu em local e data incertos e morreu em Cochim no dia 25 de dezembro de 1524.

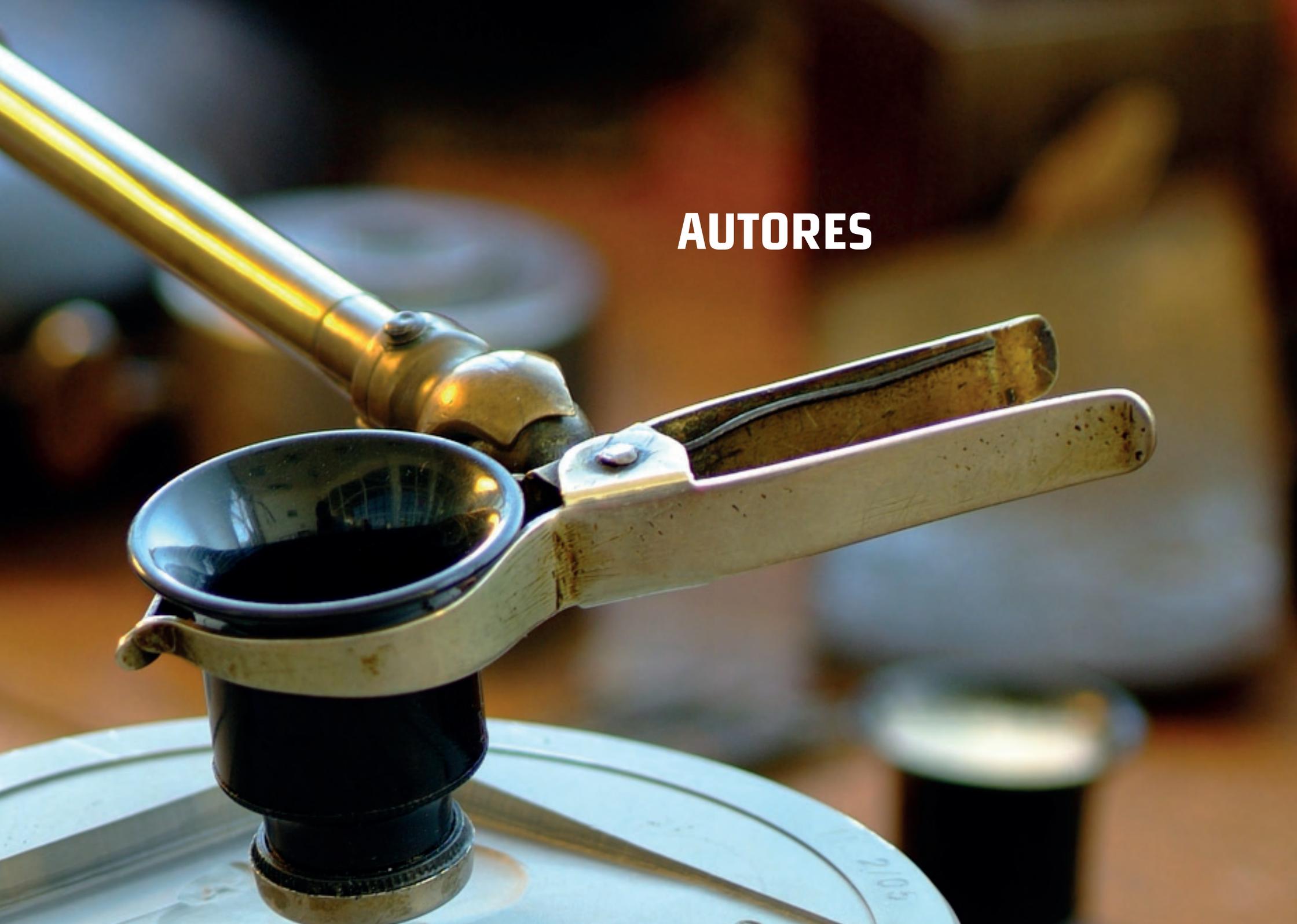
Vitorino Nemésio (1901-1978)

Escritor, professor e intelectual, nascido em Praia da Vitória, no arquipélago dos Açores. Concluiu o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1931 e, nesse mesmo ano, inicia a sua carreira académica. Em 1943 publica a sua obra mais célebre, *Mau Tempo no Canal*. Entre 1969 e 1975, foi autor e apresentador do programa televisivo semanal *Se bem me lembro*, que contribuiu para popularizar a sua figura, e, em 1975-1976, dirigiu o jornal *O Dia*.





AUTORES



Alda Cesteiro (1960)

Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Foi galardoada com primeiro prémio de medalhística no concurso nacional promovido pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda por ocasião do centenário do nascimento de Amadeo de Souza-Cardoso. Presente na exposição da FIDEM em Helsínquia. Participou em diversas exposições coletivas de escultura e medalha.

Alípio Pinto (1951)

Nasceu em Freixo de Espada à Cinta, a 26 de dezembro de 1951. Possui licenciatura e doutoramento em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, onde é Professor. Membro da Academia Nacional de Belas-Artes. Participou em diversas exposições nacionais e no estrangeiro.

António Lagoa Henriques (1923-2009)

Efetuiu o curso de escultura da então Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Foi escultor, desenhador e medalhista, sendo autor de numerosas estátuas e grupos escultóricos. Está representado

em diversos museus portugueses e no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil. Entre os prémios que lhe foram atribuídos destacam-se: 1.º e 2.º Prémios Soares dos Reis; Prémio Teixeira Lopes; Prémio do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, na II Bienal de São Paulo; diploma e medalha de honra da Exposição Internacional de Bruxelas (1958); Prémio Diogo de Macedo. Foi professor na Escola Superior de Belas-Artes e membro da Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro. Presente em diversas exposições internacionais da FIDEM.

António Vidigal (1936)

Terminou o curso de Escultura em 1968 na então Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e é Professor Catedrático na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Autor de vários retratos e de medalhas comemorativas, possui monumentos e esculturas públicas em Sousel, Cano, Campo Maior, Lagos, Portalegre, Paço de Arcos, Funchal, Montijo, Almada, Lisboa, Luanda, Alcácer do Sal,

Caldas da Rainha, Cadaval, Olhão, Pico e Belmonte. Está representado nos museus de Mirandela, Alençon (França), Luís de Camões (Macau) e José Malhoa (Caldas da Rainha). Realizou várias exposições individuais e coletivas. É membro efetivo da Academia Nacional de Belas Artes. Recebeu diversos prémios de escultura e foi galardoado com o prémio Dr. Gustavo Cordeiro Ramos da Academia Nacional de Belas-Artes, em 1982.

Carlos Alves (1942)

Gravador, nasceu em Lisboa no dia 5 de novembro de 1942, aprendeu o ofício na Sociedade Industrial de Condecorações. Depois do 25 de abril de 1974, ingressou na Imprensa Nacional-Casa da Moeda a convite do Sr. José Rosa, Chefe da Gravura Numismática, onde trabalhou durante 31 anos. Reformou-se em 2002. Colaborou com a empresa Philae até 2010.

Cassiano Augusto Vidal da Maia (?)

Gravador, viveu na segunda metade do século XIX, executou diversas medalhas com a temática comemorativa do tricentenário da morte de Luís de

Camões, que ocorreu em 1880. Algumas associações culturais na época quiseram fazer parte desta comemoração através da medalhística como é o exemplo do Ateneu comercial, da Associação dos Jornalistas Portugueses e da Comissão Académica de Coimbra, entre outras. Em 1882, grava as medalhas comemorativas do centenário da morte do Marquês de Pombal.

Clara Menéres (1942)

Escultora, autora de moedas e medalhista, licenciada em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, PHD pela Universidade de Paris VII. Professora da Escola Superior de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Fellow no Centre for Advanced Visual Studies, MIT, USA. (1989-1990), e Professora Catedrática da Universidade de Évora. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. Autora de instalações e *happenings*. Autora do monumento a Camões, em Paris (1987), e de uma escultura em Arzila, Marrocos (1988), bem como de um monumento em Guimarães (1990). Representada em coleções privadas e públicas, nomeadamente no Centro de

Arte Moderna José Azeredo Perdigão, da Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu Nacional de Arte Contemporânea de Lisboa e na Casa de Serralves, Porto. Presente em diversas exposições internacionais da FIDEM.

Domingos Broa (1962)

Nascido em Lisboa, Domingos Broa torna-se *Designer* pelo IADE em 1986. Criador de imagens e ambientes, ilustrou livros e revistas e realizou diversos trabalhos de criação de imagem para empresas. Estudou escultura em 2000, no centro de artes de Caldas da Rainha, com os escultores Renato Franco e Antonino Mendes. Expôs em Leiria, Caldas da Rainha, Moura, Setúbal, Lisboa. Em 2005, realizou para a INCM a medalha comemorativa do Bicentenário da Morte de Barbosa du Bocage, presente nesta exposição.

Domingos Venâncio (?)

Funcionário na Oficina de Galvanoplastia da Imprensa Nacional, vive na segunda metade do século XIX. Trabalha, tal como Cassiano Maia, nas medalhas comemorativas do tricentenário da morte de Luís de Camões.

Eloísa Byrne (1942)

Nasceu em Lisboa e realizou o curso de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Escultora, medalhista e autora de moedas, Eloísa Byrne tem trabalhado também em cerâmica e ferro, em Lisboa e Madrid. Participou nas exposições internacionais da FIDEM em Florença, Colorado Springs e Londres. Está representada na coleção de medalhas do British Museum. Fez parte da equipa do Programa Numismático das moedas comemorativas dos Descobrimentos Portugueses.

Euclides Vaz (1916-1991)

Realizou o curso de Escultura da então Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde foi professor de medalhística. Participou em numerosas exposições coletivas em Portugal e no estrangeiro. Foi galardoado com o 1.º Prémio Soares dos Reis em 1949. Encontra-se representado nos principais museus portugueses.

Fernando Conduto (1937)

Realizou o curso de pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde foi professor. No plano artístico, tem

feito trabalhos como pintor, gravador, escultor, medalhista, *designer* e ceramista. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas, nomeadamente em exposições da FIDEM. Representado em inúmeros museus portugueses, nomeadamente no Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi autor de esculturas instaladas em jardins e edifícios de Lisboa. Venceu o concurso para a medalha oficial comemorativa da Revolução de 25 de Abril.

Francisco de Borja Freire (1790-?)

Gravador nascido em Lisboa em 1790. Aos nove anos entrou para o Arsenal Real do Exército. Em 1814, foi praticante de abridor da Casa da Moeda e trabalhou, sob a direção de Domingos Sequeira, na baixela oferecida por Portugal ao Duque de Wellington. Foi depois ajudante de seu Tio, Cipriano da Silva Moreira, sucedendo-lhe no lugar provisória e depois definitivamente, por concurso de 1828. Em 1830 foi nomeado 2.º abridor da Casa da Moeda e condecorado a seguir com as Ordens Militar de Cristo e da Nossa Senhora da Conceição. Em 1836, foi a Londres

aperfeiçoar-se e ali fez um grande número de excelentes cunhos de retratos gravados.

Frederico Augusto de Campos (1814-1895)

Gravador, especializado em gravura de cunhos para moedas. Nasceu em Lisboa em 1814, onde morreu a 29 de julho de 1895. Em 1830 entrou (como simples praticante) para a Casa da Moeda e alcançou, em pouco tempo e por mérito próprio, o lugar de 1.º gravador. Tendo frequentado a Escola Politécnica e a Academia de Belas-Artes, salientou-se em muitos concursos oficiais em concorrência com outros gravadores nacionais e estrangeiros. Os seus trabalhos foram apresentados nas principais cidades da Europa e América, ganhando várias medalhas e distinções. Possuía o grau de cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada. Alguns dos seus principais trabalhos foram a moeda de 10 mil réis com a efígie de D. Pedro V, o retrato de Luís de Camões em mármore e alto-relevo e alguns cunhos para selos.



Gustavo Bastos (1928-2014)

Escultor, desenhador e professor, nascido na Figueira da Foz. Curso de escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, foi premiado aos 17 anos com a escultura equestre do Infante D. Henrique. Esteve representado na 1.ª Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, sendo seu bolseiro no ano de 1960. Tornou-se o primeiro Professor Catedrático da FBAUP em escultura no ano de 1995. Associado à escola do escultor Barata-Feyo, tem trabalhos expostos em diversos espaços públicos no Porto, Lisboa, Mirandela, Figueira da Foz, Coimbra e Cabo Verde. Está representado no Museu Soares dos Reis, Museu Militar, Museu de Machado de Castro e na Fundação Calouste Gulbenkian.

Helder Batista (1932-2015)

Nasceu em Vendas Novas em 1932. Concluiu a licenciatura em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes em 1958 e, nesse ano, foi para Roma com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi professor da cadeira de Medalhística da Escola Superior de Belas-Artes, de 1985 a 1995, aposentado como Professor Associado da Faculdade

de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Foi membro do Conselho Numismático da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, da FIDEM e da American Numismatic Society. No campo da medalhística, recebeu numerosos prémios a nível nacional e internacional, destacando-se, em 1998, o prestigiado Prémio J. Sanford Saltus, atribuído pela American Numismatic Society. Hélder Batista é ainda fundador do Grupo Anverso/Reverso – Medalha Contemporânea e tem explorado os domínios contemporâneos da medalhística através da investigação de novas formas e materiais. Está representado em inúmeros museus e coleções, em Portugal e no estrangeiro.

Hugo Maciel (1988)

Nasceu em Lisboa. Concluiu, em 2009, a licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e, em 2012, completou o mestrado em Escultura Pública, sendo atualmente doutorando em Escultura Numismática. É autor de várias esculturas públicas e intimistas, destacando-se ainda o seu trabalho na área da medalhística. Ainda em 2012, inicia o estágio na Oficina de Gravura

Numismática da INCM. A partir dessa altura começa a participar regularmente nos concursos da INCM. O seu desenho para a moeda do 250.º Aniversário da *Torre dos Clérigos* é escolhido vencedor num desses concursos, sendo essa a sua primeira moeda.

Irene Vilar (1930-2008)

Curso de Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Recebeu diversos prémios, nomeadamente o Prémio Nacional de Escultura e da Bienal de Paris. Venceu numerosos concursos públicos para medalhas e monumentos em Portugal. É autora de mais de setenta medalhas e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda dedicou-lhe uma monografia (1986). Possui a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. Presente em exposições internacionais da FIDEM. Venceu o concurso para a medalha oficial da Europália-Portugal em 1991.

João da Silva (1880-1960)

Estudou escultura em Lisboa, Paris e Genebra. Foi escultor, medalhista, pintor e aquarelista e realizou numerosas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. Detentor de numerosos prémios, entre os quais: 1.º Prémio da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa (1913, 1928, 1939 e 1948); 1.º Prémio Soares dos Reis (1948 e 1951); 2.º Prémio em Barcelona (1929) e diversas Menções Honrosas em Paris (1900, 1922). Representado nos principais museus do País e, no estrangeiro, em Paris e Genebra. Por ocasião do XVII Congresso da FIDEM – Lisboa 1979, realizou-se uma exposição retrospectiva da sua obra na Fundação Calouste Gulbenkian. É considerado o iniciador da Moderna Medalhística Portuguesa.

João Duarte (1952)

Nasceu em Lisboa em 1952. Licenciatura em Artes Plásticas, Escultura, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 1978. Professor Associado Agregado aposentado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, membro efetivo da Academia Nacional de Belas-





-Artes e Membro efetivo da FIDEM. Em 1998, fundou o projeto Volte Face – Medalha Contemporânea, inserido na cadeira de Medalhística da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. No campo da medalhística, editou 150 medalhas e realizou 11 moedas comemorativas. Galardoado, em 2012, pela American Numismatic Society, com o J. Sanford Saltus Award for Distinguished Achievement in the Art of the Medal. Realizou várias exposições individuais e coletivas de escultura e medalha, tanto em Portugal como no estrangeiro. Executou 51 monumentos em espaços públicos. Encontra-se representado em inúmeras coleções de arte em Portugal e no estrangeiro.

João Oom (1938)

Licenciado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, João Oom faz parte dos corpos gerentes da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Encontra-se representado no Museu de Ovar, da Golegã, no Museu Escultor Martins Correia, no Parque dos Poetas em Oeiras, no Museu do Banco de Portugal, no Museu da Caixa Geral de Depósitos, no

Museu do Patriarcado de Lisboa, na Igreja de Camarate e na Igreja do Campo Grande, bem como em várias coleções particulares nacionais e estrangeiras.

Joaquim Correia (1920-2013)

Realizou o curso de Escultura da então Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde foi professor e diretor. Foi escultor, desenhador e medalhista e recebeu diversos prémios, tais como a medalha de ouro da Exposição Internacional de Bruxelas (1958) e o 2.º Prémio de Escultura da Fundação Calouste Gulbenkian (1961). Foi membro da Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa. Participou em numerosas exposições no país e no estrangeiro, nomeadamente em exposições internacionais da FIDEM, estando representado em diversos museus nacionais e estrangeiros, bem como em coleções particulares em Portugal, Canadá, Brasil e Venezuela.

Joaquim Martins Correia (1910-1999)

Realizou o curso de escultura da então denominada Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde exerceu funções docentes. Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura em

Espanha e Itália e bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas, nomeadamente na Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa (1973), no Grémio Literário (1978), nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian (1979) e na Golegã, onde criou um Museu para a sua obra. Prémios Mestre Manuel Pereira, Diário de Notícias, Soares dos Reis e Luciano Freire. Foi membro da Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa. Encontra-se representado nos mais importantes museus de Portugal. Presente em numerosas exposições internacionais da FIDEM.

José Aurélio (1938)

Curso de escultura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Além de escultor e medalhista, dedica-se também ao *design* e às artes gráficas. Projetou, construiu e orientou a Galeria Ogiva em Óbidos, entre 1969 e 1974. Foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian (1978-1979). Realizou numerosas exposições individuais e coletivas e participou num *workshop* de medalhística na Universidade de Pensilvânia, EUA, como artista convidado, em 1984. Neste mesmo ano promoveu

cursos de novas tecnologias de fundição em cera perdida na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e na Casa da Moeda. Esteve presente na 3.ª Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian (1986) e em outras exposições na Galeria da Câmara Municipal de Almada, na Casa da Moeda e no Mosteiro de Alcobaça — 100 medalhas (1987). Participou nas exposições internacionais da FIDEM.

José de Moura (1915)

Nasceu em Lisboa. Foi pintor, escultor e medalhista, tendo sido também autor de vários selos. Em 1969, como funcionário público, executa a sua primeira medalha, à qual se seguiram outras encomendas de caráter oficial. Dois anos depois, após a morte de José Régio, grande amigo da família, executa a medalha do poeta. Cunhava grande parte das suas medalhas na casa Viçoso, Moratalla & C.ª.

José Francisco da Mota Sampaio Brandão (1944)

Pintor nascido em Nova Iorque, a 6 de abril de 1944, neto materno do pianista e compositor José Vianna da Motta.

Em finais de 1946, veio para Portugal. Em 1960, ingressou no curso de Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Viveu em Paris e em Londres foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1970, obteve o grau de Bachelor of Arts em Design Gráfico. Em 1982, criou o B2 Atelier de Design, sediado em Lisboa. Foi Professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e foi o responsável pela especialização em Design de Comunicação e pelas disciplinas da respetiva área científica quando o curso de doutoramento em Design foi criado, em 2005. Em 2006, recebeu o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

José Gaspart (?-1812)

Tendo nascido na Flandres, demonstrou, desde muito novo, as suas aptidões para o desenho. Estudou sua Pátria, dedicando-se, especialmente, à gravura de cunhos e medalhas em vários países que visitou. Achando-se em Veneza, foi convidado pelo embaixador de Portugal para ensinar a arte de gravura em pedra no seu país. D. José I, por decreto, em 1773, nomeou-o com a categoria de abridor geral. Como gravador executou, para o Palácio Real e para particulares, grande número de obras,

principalmente produções em pedra. Gravou também cunhos de selos para tribunais e para particulares. Morreu em Lisboa em 15 de março de 1812.

José João de Brito (1941)

Licenciado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Escultor, medalhista, ceramista, desenhador e pintor, José João de Brito recebeu o Prémio de Escultura Teixeira Lopes. Foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian e Professor no Colégio Militar de Lisboa. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente nas exposições da FIDEM. Membro da Sociedade Nacional de Belas-Artes. É sócio de ouro da Cooperativa Árvore — Porto. Participa nas exposições internacionais da FIDEM.

José Manuel Espiga Pinto (1940-2014)

Frequentou o curso de Escultura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Foi professor, escultor, medalhista, pintor e gravador. Foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian e ganhou diversos prémios. Participou em inúmeras exposições individuais e coletivas em Portugal e no

estrangeiro. Pertence à geração de artistas modernistas portugueses. Nasceu em Vila Viçosa, em 1940, e faleceu a 1 de outubro de 2014.

José Rodrigues (1936)

Fez o curso de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e tem realizado trabalhos enquanto escultor, desenhador, medalhista, cenógrafo, figurinista e gráfico. É detentor de numerosos prémios, e participou em diversas exposições em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Viena, Budapeste, Veneza, Nova Deli e na Bienal de São Paulo. Expôs em galerias e locais públicos em Lisboa, Porto, França, Estados Unidos e Japão e participou em diversas exposições da FIDEM.

José Viriato (1970)

Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. É membro fundador da Secção de Investigação e de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea e é Professor Doutorado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Participou em diversas exposições coletivas de escultura

e medalha. Recebeu vários prémios de medalhística.

Júlio Fidalgo de Oliveira (?)

Escultor e Ilustrador, colaborou com a revista *Estudos de Castelo Branco – Revista de História e Cultura*, instituição que solicitou a execução da medalha do 4.º. centenário da morte de Amato Lusitano, médico natural da mesma cidade, à Casa da Moeda, em 16 de outubro de 1968.

Leopoldo de Almeida (1898-1974)

Foi professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Bolseiro em França e Itália. Escultor, medalhista, desenhador e pintor, realizou numerosas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro e está representado nos principais museus portugueses. Foi Membro da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa.

Luís Pinto Coelho (1942-2001)

Nasce em Lisboa, onde inicia os estudos de Pintura e Escultura na Escola Superior de Belas-Artes. Com 19 anos abandona

os estudos e vai viver para Espanha, onde o pai é Embaixador português. Trabalha no *atelier* do pintor espanhol Luis García-Ochoa, seu Mestre, tendo sido depois bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi Membro de várias Academias. Em 1980 foi distinguido pelo Governo português com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique. A sua obra está representada em diversas coleções particulares em todo o mundo e em diversos museus. Ao longo de quatro décadas, produziu uma obra vasta e diversa e destacou-se, numa fase da sua carreira, como retratista. Para além da pintura, também realizou numerosos trabalhos experimentando outras formas de expressão artística como a cerâmica, a pintura mural, a escultura, a cenografia, as artes gráficas, a fotografia, a decoração e o *design*, a tapeçaria e a gravura. Faleceu, em Madrid, em 2001.

Luiz Ramos de Abreu (1918)

Nasceu no lugar de Montedor, concelho de Viana do Castelo, em 1918. Aos 17 anos vem para Lisboa e aprende o ofício de estucador. Trabalha com os escultores Leopoldo de Almeida, António Duarte e Barata Feyo. Destes contactos surge a paixão

de trabalhar em escultura e aos 29 anos frequentou as aulas noturnas da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Trabalha com o escultor Raul Xavier. Frequentava a Escola António Arroio e obtém o curso de pintura decorativa em 1958. Em 1963, com 44 anos, matricula-se na Escola Industrial Marquês de Pombal onde concluiu o curso de serralheiro. Em 1973, inscreve-se na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde termina o curso de escultura. Tem várias estátuas e inúmeras medalhas fundidas e cunhadas.

Marcelino Norte de Almeida (1906-1995)

Nasceu em Lisboa e realizou o curso de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Enquanto escultor e gravador, ao serviço da Casa da Moeda desde 6 de novembro de 1933, executou inúmeros cunhos de medalhas e moedas. Destacou-se como autor de parte substancial das moedas da Segunda República e de todos os modelos para as moedas do Ultramar desde 1938.

Maria João Ferreira (1977)

Nasceu em Lisboa. É detentora de licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e de mestrado em Estudos Curatoriais pela mesma Faculdade. Membro fundador do projeto Volte Face, do grupo Anverso/Reverso, da FIDEM e do Centro de Investigação e de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea. Tem participado em diversas exposições no País e no estrangeiro, nomeadamente na FIDEM.

Nuno Carvalho (1973)

Nasceu em Lourenço Marques em 1973 e é licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. É membro da Secção de Investigação e de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea. Participou em exposições coletivas de escultura e medalha.

Paula Lourenço (1963)

Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Participa em exposições coletivas e em concursos nacionais de escultura, gravura



e medalhística. Estagiou no CENCAL e em Montemor-o-Novo com a escultora Virgínia Fróis. Exerce a sua atividade nas disciplinas de Escultura, Medalhística, Numismática, Gravura (calcografia) e Ilustração desde 1992. É colaboradora da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, editando várias medalhas e moedas. Representou Portugal em vários Congressos da FIDEM. Está representada no British Museum, na secção de medalhística, e no Centro Português de Serigrafia. É membro da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, da FIDEM e das Oficinas do Convento, em Montemor-o-Novo.

Paulo Aureliano Mengin (?-1788)

Filho e discípulo de António Mengin, torna-se aprendiz de abridor de cunhos em 1748, por despacho do Conselho da Fazenda de D. João V e praticante de abridor em 1753. Ocupa o lugar de terceiro abridor em 1761. Pelo aviso de 1775, seguiu comissionado a Marrocos, levando três oficiais da Casa da Moeda de Lisboa. Executa as medalhas comemorativas dedicadas a D. José I e ao Marquês de Pombal. Não se sabe a data da sua morte mas, em 1788, foi nomeado para o seu lugar Francisco de Xavier de Figueiredo.

Paulo Guilherme d' Eça Leal (1932-2010)

Foi pintor, ilustrador, gravador, *designer*, decorador e conferencista. Fez cenografias para o teatro e cinema, tendo realizado o filme *Iratan e Iracema*. É autor de diversas medalhas e moedas e participou em diversas exposições coletivas e individuais, em Portugal e no estrangeiro.

Patrícia Bilé (1978)

Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Membro fundador da Secção de Investigação e de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea. Participou em diversas exposições coletivas de escultura e medalha e recebeu vários prémios de medalhística.

Raul Sousa Machado (1921)

Nasceu no distrito de Viseu e foi oficial da Armada. Durante a sua vida, adotou como atividade paralela algumas modalidades artísticas, abrangendo a pintura, a escultura, o desenho, a gravura e a medalhística. A predominância dos temas navais é natural na sua arte. Nos seus trabalhos mais representativos encontra-se

o mural da entrada do Museu Marítimo de Macau e o monumento aos Condes de Barcelona, em Cascais. Participou em múltiplas exposições e a sua obra reparte-se por diversas instituições, museus e coleções privadas, com alguns prémios, que culminaram na atribuição do grau de Comendador da Ordem de Santiago da Espada.

Raul Xavier (1894-1964)

Estudou em Lisboa. Foi escultor, medalhista, pintor, desenhador e aquarelista. Recebeu diversos prémios, entre os quais o 1.º Prémio da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa em 1940. Participou em numerosas exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro (1935, 1938, 1940).

Salvador Barata-Feyo (1902-1990)

Foi professor de escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e foi bolseiro em Itália. Foi conservador-adjunto dos Museus e Palácios Nacionais e diretor interino do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. Participou em numerosas exposições em Portugal e no estrangeiro. Grande Prémio de Escultura na

I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian (1957) «Grand Prix» da Exposição Internacional de Bruxelas (1958); Prémio Nacional de Arte (1960). Está representado nos principais museus e coleções de Portugal. As suas medalhas participaram em exposições internacionais da FIDEM.

Vasco da Conceição (1914-1992)

Escultor, medalhista, desenhador e ceramista. Nasce no Bombarral em 26 de fevereiro de 1914. Após frequentar a Escola Superior de Belas-Artes do Porto, transfere-se para Lisboa onde recebe o diploma de Escultura em 1946. Foi discípulo de João da Silva e, ainda estudante, colabora com os escultores Leopoldo de Almeida e Canto da Maia na Exposição do Mundo Português em 1940. Participa em diversas exposições no país e no estrangeiro, onde obtém diversos prémios. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Pertence ao grupo dos escultores da designada «terceira geração». Faleceu no dia 7 de maio de 1992.

Vitor Santos (1946)

Nasceu em Algés. É licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes

de Lisboa, onde também fez uma pós-graduação em Desenho. É Mestre em desenho pela mesma Faculdade. Tem o curso de desenhador-gravador-litógrafo da Escola de Artes Decorativas António Arroio. É membro da FIDEM e é membro fundador do grupo de escultores medalhistas Anverso/Reverso. Representado no Departamento de Medalhas e Moedas do Museu Britânico com as medalhas «5.º Centenário do Convento de Jesus», «50 Anos da Polyphonia» e «60 Anos da Polyphonia» e em várias coleções públicas e particulares. É autor da face nacional das moedas Euro.



DE LISBOA 2.2.1930 + SEMIN
1.11.1931 + SEMINÁ
DE ALMADA 18.
DE NOSSA SE
MA 13.10.1938 +
NICA DA CON
SERVAS DE NOS
FÁTIMA 11.10.1939
TO CONDESTA
+ IGREJA DE
9.3.1953 + IGRE



VARIO·MAIOR·DE·CRISTO·REI

RIO·DE·S·PAULO

·10·1935+IGREJA

NHORA·DE·FÁTI

+ERECCÃO·CANÓ

GREGÁCÃO·DAS

SA·SENHORA·DE

+IGREJA·DO·SAN

VEL·14·8·1951+

S·JOÃO·DE·DEUS

JA·DE·S·JOÃO



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
AVENIDA DE ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA
1000-042 LISBOA

DESIGN GRÁFICO
DIREÇÃO DE MARKETING ESTRATÉGICO | COMUNICAÇÃO E IMAGEM

PAGINAÇÃO
NUNO SILVA

FOTOGRAFIA
NUNO SILVA

REVISÃO
UNIDADE DE PUBLICAÇÕES | EDIÇÃO

IMPRESSÃO
INCM, S. A.

TIRAGEM
500 EXEMPLARES

INCM



SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA





